

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

MAGDA ELISA CARDOSO KHADER

**PARA QUE SERVEM AS PALAVRAS?
A FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM EM OFICINAS TERAPÊUTICAS**

**Jaguarão
2018**

MAGDA ELISA CARDOSO KHADER

**PARA QUE SERVEM AS PALAVRAS?
A FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM EM OFICINAS TERAPÊUTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Vítor Jochims Schneider

**Jaguarão
2018**

MAGDA ELISA CARDOSO KHADER

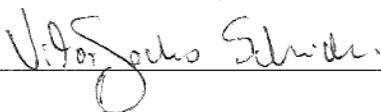
PARA QUE SERVE SERVEM AS PALAVRAS?
A FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM EM OFICINAS TERAPÊUTICAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras.

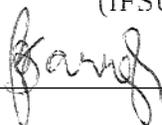
Orientador: Vítor Jochims Schneider

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 12 de julho de 2018.
Banca examinadora:

Prof. Dr. Vítor Jochims Schneider
Orientador (UNIPAMPA)



Profa. Ms. Gabriela Barboza
(IFSUL)



Profa. Dra. Geice Peres Nunes
(UNIPAMPA)



Para minhas princesas, Eduarda e Maiara, por
partilharem comigo este sonho, por serem a luz da
minha vida, meu maior tesouro, meu amor
incondicional e a razão desta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, por ter me concedido saúde, força e disposição para realizar este sonho. Sem ele, nada disso seria possível. Também sou grata ao senhor por ter dado saúde aos meus familiares e tranquilizado o meu espírito nos momentos mais difíceis da minha trajetória acadêmica.

À Universidade quero deixar uma palavra de gratidão por ter me recebido de braços abertos e com todas as condições que me proporcionaram dias de aprendizagem muito ricos.

A todos os professores que acompanharam meu percurso ao longo dos últimos anos eu deixo uma palavra sincera de gratidão, porque sem essa paciência e sabedoria eu jamais seria esta pessoa tão realizada. A palavra mestre, nunca fará justiça a professores tão dedicados, que não vou nominar, pois seriam muitos, mas que terão meus eternos agradecimentos.

Agradeço à minha mãe Elia Maria, que sempre foi minha maior fonte de inspiração e força, por ter me incentivado a voltar aos estudos depois de vinte anos, ter ingressado ao meu lado no Curso de Letras mesmo não sendo o curso que ela queria. Sou grata ao meu pai Mohamad Khader (in memoriam), aos meus irmãos Paulo, Soraia e Laila por acreditarem e apoiarem meu sonho. Ao meu irmão Fharide, cujas escritas motivaram a elaboração deste trabalho. Sou grata especialmente às minhas filhas, Eduarda e Maiara, razão da minha vida, pelo sacrifício de ficarem tantas noites longe de mim e apesar das dificuldades que enfrentamos neste período, terem me incentivado a continuar, acreditar e não desistir de realizar este sonho.

Aos muitos colegas que trilharam comigo este caminho, em especial a duas que levo no coração, Jesuína e Giselda, que mais do que colegas, hoje posso chamar de amigas.

Ao meu orientador, professor Vítor Jochims Schneider, alguém que veio agregar conhecimentos, trazer novas ideias e me guiar na elaboração deste trabalho, acreditando e percorrendo comigo o caminho que nos permitiu chegar até aqui.

Agradeço às professoras Geice Peres Nunes e Gabriela Barboza pela disponibilidade de participar da banca avaliadora deste trabalho e por realizarem uma leitura atenta deste texto.

A todos os profissionais do CAPS, especialmente ao arte-terapeuta Gilberto Isquierdo por ter permitido minha presença nas oficinas terapêuticas e ter me proporcionado uma vivência tão rica que não tenho palavras para descrever.

A comunidade CAPS por ter me acolhido e proporcionado momentos inesquecíveis, de pura emoção.

E, por fim, a todas as pessoas que de alguma forma fizeram parte do meu percurso eu agradeço com todo meu coração.

Rio
Saio do meu lugar
Mas nunca esqueço
Das ondas pequenas
Do meu rio,
Rio Jaguarão
São lembranças
Que me trazem de volta
Ao meu chão...
Saudade imensa
Desde que daqui parti
A água é que me faz crescer
E abastecer
E hoje
O rio da minha vida
Me traz de volta
Ao rio da vida

Fharide Cardoso Khader

Gilberto Isquierdo

Adoro Reticências...

Aqueles três pontos intermitentes
que insistem em dizer que nada
está fechado, que nada acabou,
que algo sempre está por vir!

A vida se faz assim!

Nada pronto, nada definido.

Tudo sempre em construção.

Tudo ainda por se dizer...

Nascendo...

Brotando...

Sublimando...

Vivo assim...

Numa eterna reticência...

Para que colocar ponto final?

O que seria de nós sem a
expectativa de continuação?

Nilson Furtado

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar o uso da linguagem verbal nas oficinas terapêuticas do Sítio Renascer- CAPS/Jaguarão. Para realizar esta pesquisa, optamos por realizar uma vivência de campo cujas visitas ocorreram no período de janeiro a maio de 2018. Após um período de 16 semanas, conseguimos organizar um conjunto de dados a respeito das práticas de linguagem que se estabelecem entre os sujeitos que frequentam o espaço de convivência do Sítio Renascer- CAPS/Jaguarão. Durante a experiência de campo e as primeiras leituras dos dados gerados, chamou-nos atenção a riqueza de elementos característicos do uso poético da linguagem. Devido a isso, recorremos ao referencial teórico proposto pelo linguista Roman Jakobson em seu estudo sobre a função poética da linguagem e pela professora Samira Chalhub cujo estudo coaduna com o do linguista russo. Com base nesta abordagem optamos por focar nossa análise num exame da função poética da linguagem. Para realizarmos este exame, selecionamos um pequeno corpus de análise composto de em uma interação verbal entre uma paciente e o arte-terapeuta; uma interação verbal entre um usuário e meu orientador de TCC; um poema do Poeta Preguiçoso, usuário do sistema de saúde e uma letra de música, produzida coletivamente pelos usuários e o arte-terapeuta, nessas oficinas. Os resultados obtidos demonstram a orientação poética das interações verbais estabelecidas na comunidade do CAPS Sítio Renascer. Por fim, questiona-se como esta análise de práticas de linguagem, elaborada a partir de conceitos linguísticos, proporciona uma compreensão da produção linguística destes sujeitos distanciada dos diagnósticos produzidos pela medicina tradicional.

Palavras-chave: Oficinas Terapêuticas; CAPS; Função Poética da Linguagem.

RESUMEN

El presente trabajo tuvo como objetivo investigar el uso del lenguaje verbal en los talleres terapéuticos del Sitio Renascer-CAPS / Jaguarão. Para realizar esta investigación, optamos por realizar una vivencia de campo cuyas visitas ocurrieron en el período de enero a mayo de 2018. Después de un período de 16 semanas, conseguimos organizar un conjunto de datos acerca de las prácticas de lenguaje que se establecen entre los sujetos que frecuentan el espacio de convivencia del Sitio Renascer- CAPS / Jaguarão. Durante la experiencia de campo y las primeras lecturas de los datos generados, nos llamó la atención la riqueza de elementos característicos del uso poético del lenguaje. Debido a esto, recurrimos al referencial teórico propuesto por el lingüista Roman Jakobson en su estudio sobre la función poética del lenguaje y por la profesora Samira Chalhub cuyo estudio coincide con el del lingüista ruso. Con base en este enfoque optamos por enfocar nuestro análisis en un examen de la función poética del lenguaje. Para realizar este examen, seleccionamos un pequeño corpus de análisis compuesto de una interacción verbal entre una paciente y el arte terapeuta; una interacción verbal entre un usuario y mi orientador de TCC; un poema del Poeta Perezoso, usuario del sistema de salud y una letra de música, producida colectivamente por los usuarios y el arte terapeuta, en esos talleres. Los resultados obtenidos demuestran la orientación poética de las interacciones verbales establecidas en la comunidad del CAPS Sitio Renascer. Por último, se cuestiona cómo este análisis de prácticas de lenguaje, elaborado a partir de conceptos lingüísticos, proporciona una comprensión de la producción lingüística de estos sujetos distanciada de los diagnósticos producidos por la medicina tradicional.

Palabras clave: Talleres Terapéuticos; CAPS; Función Poética del Lenguaje.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Trajetória dos prédios do CAPS/Jaguarão	21
Figura 2 – Prédio atual do CAPS/Jaguarão	22
Figura 3 – Sala de recepção do CAPS/Jaguarão	24
Figura 4 – Pintura produzida pelos usuários	27
Figura 5 – Pintura produzida pelos usuários	27
Figura 6 – Artefatos produzidos pelos usuários	32
Figura 7 – Artefatos produzidos pelos usuários	32
Figura 8 – Palavras escritas pelo Poeta Preguiçoso.....	34
Figura 9 – Poesia produzida pelo Poeta Preguiçoso.....	35
Figura 10 – Pintura produzida pelos usuários	37
Figura 11 – Letra da música Rio	43
Figura 12 – Letra da música Rio	43
Figura 13 – Letra da música Rio	44
Figura 14 – Esquema dos fatores da comunicação verbal.....	48
Figura 15 – Cartaz da exposição do CAPS na UNIPAMPA.....	64
Figura 16 – Pinturas dos usuários na GIM-UNIPAMPA.....	64

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 SURGIMENTO DOS CAPS	16
2 OFICINAS TERAPÊUTICAS.....	18
3 SÍTIO DE RECUPERAÇÃO TERAPÊUTICA RENASCER – CAPS/JAGUARÃO...	21
3.1 Meu contato com o CAPS.....	23
3.1.1 Diários de Campo.....	23
3.1.2 Produtos Poéticos do CAPS – Sítio Renascer – Jaguarão	39
4 AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO CAPS – SÍTIO RENASCER – JAGUARÃO.	45
4.1 Função Poética Da Linguagem.....	47
4.2 Função Poética nas Oficinas Terapêuticas do CAPS – Jaguarão.....	54
4.2.1 Interação Verbal entre uma usuária e arte-terapeuta.....	55
4.2.2 Interação Verbal entre um usuário e pesquisador.....	56
4.2.3 Poema Poeta Preguiçoso.....	57
4.2.4 Letra da música <i>Bem Querer</i> , autoria coletiva.....	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65

APRESENTAÇÃO

Este trabalho surgiu de uma necessidade pessoal de investigar o uso da escrita criativa por sujeitos em sofrimento psíquico. Ao ver como meu irmão, uma pessoa diagnosticada com esquizofrenia e com problemas de abuso de álcool e drogas, dita com “neurônios queimados”, produzia escritas tão bonitas e sensíveis, fiquei motivada a investigar esta temática.

Durante minha trajetória acadêmica, cursei a cadeira de Literatura Brasileira, em 2017, com a professora Cátia Goulart e tomei contato com a literatura marginal. Naquele momento, decidi que queria fazer meu TCC sobre essas escritas ditas marginais, dos que estão às margens, dos excluídos, como meu irmão. Após algumas conversas com professores da área de literatura, me foi dito que não seria aconselhável tratar da escrita de um sujeito próximo – no caso, meu irmão – como objeto de investigação de um TCC. Uma alternativa, sugerida pelo professor Vítor em nossa primeira reunião, foi a de investigar as práticas de linguagem entre sujeitos que estão em sofrimento psíquico, mais especificamente, os usuários do CAPS - Sítio Renascer. Confesso que não sabia por onde começar esta investigação, nem que caminho seguir, mas de forma muito sutil o professor me conduziu, me aconselhando, nunca me obrigando a fazer algo que eu não queria, e assim fomos trilhando esse caminho que nos trouxe até aqui.

Na primeira reunião de orientação, decidimos realizar algumas observações no CAPS - Sítio Renascer. Durante estas observações, seria produzido um diário de campo, uma pesquisa etnográfica, uma primeira forma de gerar dados para análise das práticas de linguagem que se fazem presentes no cotidiano dos usuários deste serviço.

Segundo Carmem Lúcia Guimarães de Mattos, em seu artigo *A abordagem etnográfica na investigação científica*, etnografia significa escrever sobre um tipo particular - um etno -, uma sociedade em particular (2011). Esta metodologia traz contribuições para as pesquisas qualitativas que tem seu foco nas desigualdades e exclusões sociais. Neste tipo de pesquisa, o investigador atua como observador, e determina as técnicas e recursos que irá usar para desenvolver sua pesquisa dependendo da necessidade de seu trabalho de campo, do seu objetivo, pois não existem padrões rígidos neste tipo de pesquisa.

Além desta decisão de ir a campo, criamos também uma pasta com diversos materiais teóricos sobre a reforma psiquiátrica, os CAPS, oficinas terapêuticas, comunidades de prática, e

assim por diante. Outras temáticas foram agregadas no decorrer das leituras, conforme minha necessidade de ter mais informações sobre determinadas questões.

Assim comecei meu TCC, escrevendo meu diário de campo no CAPS de Jaguarão. Durante as observações nas oficinas de pintura, música e cerâmica foram surgindo muitas questões. Desde o princípio o que me encantou e sensibilizou foram às oficinas de música. Conversando com o arte-terapeuta, descobri que só duas pessoas escreviam no CAPS: meu irmão e outro paciente conhecido como *Poeta Preguiçoso*. Imediatamente, fiquei curiosa para conhecer seu trabalho, pois as escritas do meu irmão eu já conhecia.

Numa segunda reunião com meu orientador, comentei que, ainda que estivesse entusiasmada, não sabia o que estava fazendo no CAPS, pois não poderia desenvolver o trabalho que gostaria de análise das escritas criativas do meu irmão. Meu orientador me olhou e perguntou:

- O que faz um estudante de Letras no CAPS?

Ainda que fosse uma pergunta difícil, conseguimos construir uma resposta rápida: um estudante de Letras investiga o uso da linguagem. Nas oficinas oferecidas no CAPS, percebe-se o uso de diversas linguagens: uso da linguagem verbal, da linguagem artística, dos silêncios, dos gestos, da música, da língua. Depois desta reunião com meu orientador, tendo me sensibilizado com as oficinas de música, continuei meu diário de campo, porém agora buscava investigar nas práticas de linguagem as manifestações da função da linguagem, tal como se davam nas interações observadas durante as oficinas terapêuticas.

Durante uma observação, em uma oficina de música, descobri que os usuários haviam escrito algumas das letras de música. Fiquei muito intrigada, me questionando como um grupo de pessoas com transtornos mentais é capaz de escrever a letra de uma música. A questão me intrigou não somente por se tratar de pessoas com transtornos, mas por que creio ser muito complicado criar, escrever qualquer coisa com tantas pessoas envolvidas. Isso me levou a questionar como o arte-terapeuta conduzia o processo de construção destas letras de música. O arte-terapeuta me disse que é um processo lento, longo, mas ao final costuma dar certo.

A descoberta da autoria coletiva me levou a uma questão mais específica, a de investigar quais estratégias e recursos são utilizados para que esta comunidade de prática, com sujeitos que apresentam diferentes tipos de transtornos mentais, alguns analfabetos, consiga se unir e produzir este tipo de criação verbal. Durante a coleta de dados, foi possível observar diversos momentos

em que a linguagem é empregada de modo poético. Portanto, busquei verificar como a função poética da linguagem se manifesta nesta comunidade de prática, dentro das oficinas terapêuticas e como se dá o processo de criação destas letras de música.

Esta foi, em resumo, a trajetória percorrida durante a escrita deste trabalho. O texto que temos aqui está organizado quatro capítulos somados Apresentação e Considerações Finais. O primeiro deles trata do surgimento do CAPS. No segundo capítulo, abordamos as oficinas terapêuticas. O terceiro capítulo apresenta a trajetória do Sítio Renascer – CAPS/Jaguarão, meu contato com o CAPS, o diário de campo e os produtos poéticos do CAPS – Sítio Renascer. O quarto capítulo traz as práticas de linguagem no CAPS, a função poética da linguagem e a função poética da linguagem nas oficinas terapêuticas do CAPS – Jaguarão. Por fim, as considerações finais que apresenta uma conclusão parcial da trajetória deste trabalho e as referências que trazem os materiais que foram utilizados como aporte teórico para a elaboração deste trabalho.

1 SURGIMENTO DOS CAPS

Antes de divulgarmos os dados coletados nas oficinas terapêuticas, apresentaremos um breve histórico sobre a origem de tais espaços comunitários, criados a partir da lei da reforma psiquiátrica no Brasil de 2001 e de sua relevância no tratamento de pessoas com transtornos mentais.

O primeiro CAPS surgiu no Brasil em março de 1986, o Centro de Atenção Psicossocial Professor Luiz da Rocha Cerqueira ou CAPS da Rua Itapeva como era conhecido. A criação desse primeiro CAPS e o surgimento de muitos outros pelo país, iniciada pelos profissionais da saúde mental deram origem ao movimento da reforma psiquiátrica no Brasil, esta reforma foi oficializada por uma portaria criada em 1992. Uma nova portaria surge em 2002, depois da reforma psiquiátrica no Brasil, para reconhecer e ampliar o funcionamento do CAPS.

A lei da reforma psiquiátrica no Brasil foi aprovada em abril de 2001 com o objetivo de estabelecer diversos direitos aos portadores de transtornos mentais. Esta reforma, conquistada por uma longa luta antimanicomial, propôs um novo modelo de assistência, mais humano, a estes pacientes, respeitando seus direitos de cidadania, convivência e interação social, buscando inseri-los na comunidade local.

Antes da reforma, os pacientes eram internados em manicômios, sendo que alguns passavam a vida nestas instituições, sendo excluídos do convívio social. Em busca da humanização dos espaços destes sujeitos, surge, já na década de 1970, a proposta de criação de Centros de Atenção Psicossocial, os CAPS.

A Lei 10.216, de 06 de abril de 2001, conhecida como Lei da Reforma Psiquiátrica vem regulamentar a proteção e os direitos das pessoas com transtornos mentais, reconhecendo-os como cidadãos, criando espaços como os CAPS, as residências terapêuticas e os leitos psiquiátricos em hospitais gerais, que visavam a substituir os hospitais psiquiátricos buscando redirecionar o modelo assistencial em saúde mental no Brasil (BRASIL, 2004).

Estes centros foram criados visando a reduzir as internações hospitalares. Por meio da manutenção de espaços terapêuticos, onde os pacientes possam frequentar, interagir e permanecer em contato com sua família, as internações hospitalares são substituídas por um atendimento que pode ser intensivo, semi-intensivo, ou mesmo não intensivo, para aqueles pacientes que não necessitam de suporte contínuo. Estes espaços buscam acolher o indivíduo em sofrimento

psicossocial, dando-lhes oportunidade de se expressar, interagir, participar de atividades, permitindo-lhes fazer suas escolhas de modo autônomo, o que viabiliza seu crescimento pessoal e sua reinserção social. Esta nova concepção de *clínica ampliada*, coloca em interação pacientes, famílias e profissionais da saúde engajados em promover o bem estar psíquico em nível comunitário (EVERDOSA; MATOS, 2009).

Segundo o Portal do Ministério da Saúde, os Centros de Atenção Psicossocial possuem diferentes modalidades e realizam atendimento às pessoas com sofrimento ou transtorno mental inclusive àquelas com necessidades decorrentes do uso de álcool e outras drogas, tanto em situação de crise ou nos processos de reabilitação psicossocial. As modalidades dos CAPS são:

CAPS I: Atendimento a todas as faixas etárias, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 15 mil habitantes.
CAPS II: Atendimento a todas as faixas etárias, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.
CAPS i: Atendimento a crianças e adolescentes, para transtornos mentais graves e persistentes, inclusive pelo uso de substâncias psicoativas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.
CAPS ad Álcool e Drogas: Atendimento a todas as faixas etárias, especializado em transtornos pelo uso de álcool e outras drogas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 70 mil habitantes.
CAPS III: Atendimento com até 5 vagas de acolhimento noturno e observação; todas as faixas etárias; transtornos mentais graves e persistentes inclusive pelo uso de substâncias psicoativas atende cidades e ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes.
CAPS ad III Álcool e Drogas: Atendimento e 8 a 12 vagas de acolhimento noturno e observação; funcionamento 24h; todas as faixas etárias; transtornos pelo uso de álcool e outras drogas, atende cidades e ou regiões com pelo menos 150 mil habitantes.

Fonte: BRASIL, 2004.

O município de Jaguarão, por possuir uma população de aproximadamente 28 mil pessoas, dispõe de um CAPS da modalidade I.

2 OFICINAS TERAPÊUTICAS

Dentro dos CAPS, são promovidas atividades de convivência para a reinserção e interação social destes sujeitos por meio de atividades grupais de socialização. Grande parte destas atividades ocorre no formato de *oficinas terapêuticas*.

Elizabeth Araújo Lima, em seu artigo *Oficinas, Laboratórios, Ateliês, Grupos de Atividades: Dispositivos para uma clínica atravessada pela criação*, busca refletir sobre o lugar das atividades terapêuticas nas novas formas de atuação clínica. Em sua concepção, as oficinas terapêuticas são atividades grupais de socialização que buscam promover a inserção e interação social de pessoas com transtornos mentais, um lugar de aprendizagem, uma forma de saber, saber-fazer e através dessas atividades, inserir o paciente num universo cultural e com isso influenciar no seu processo saúde/doença. Em suas palavras:

O dispositivo a que chamamos **oficina** é geralmente convocado quando se fala em "novas" propostas terapêuticas. Seu uso tem sido freqüente e quase corriqueiro na clínica "psi" para designar um amplo espectro de experiências terapêuticas e extra-terapêuticas, de diferentes formatos e composições. Quase sempre amparado na crítica à psiquiatria tradicional e, portanto respaldado pelas concepções da reforma psiquiátrica, o universo das oficinas não se define por um modelo homogêneo de intervenção e nem tampouco pela existência de um único regime de produção, ao contrário, é composto de naturezas diversas, numa multiplicidade de formas, processos, linguagens. (GALETTI, 2001: 7 apud LIMA, 1997)

O surgimento das oficinas como espaços terapêuticos, tem origem em nosso país nos anos 20 com o psiquiatra, que também era músico e crítico de arte, Osório César. Este psiquiatra desenvolveu duas vertentes de tratamento muito distintas, a primeira, como Assistente de Laboratório do Hospital Juquery, onde realizava pesquisas no campo da anatomopatologia, por outro lado, desenvolve uma segunda vertente devido a seu interesse artístico, pois vê os trabalhos dos pacientes como obras artísticas e eles como artistas e não como pacientes. Em 1929, publica *A Expressão Artística dos Alienados* e cria a *Escola de Artes Plásticas do Juquery*. Para César a finalidade do departamento de arte não era apenas terapêutica, mas também deveria visar à reabilitação e alternativas de trabalho dos pacientes fora destas instituições. Seu interesse era que os pacientes aprendessem um ofício, se profissionalizassem (LIMA, 1997).

Além do trabalho de Osório César, destaca-se a atuação de Nise da Silveira, que iniciou seu trabalho no Centro Psiquiátrico Nacional, do Rio de Janeiro, em 1946, fazendo oposição ao

tratamento da época que se baseava em eletrochoques, lobotomias e, posteriormente, a terapia química e medicamentosa. Esta psiquiatra procurou desenvolver procedimentos terapêuticos mais humanos para tratar a esquizofrenia. Inicialmente se ocupou de organizar o Setor de Terapêutica Ocupacional daquele hospital e passou a gerenciar um setor sem recursos e sem investimentos por parte da instituição. Para Nise da Silveira, as atividades ocupacionais faziam com que fosse mais fácil o acesso ao mundo interior dos pacientes. A psiquiatra enriqueceu esta experiência com a parceria de diversos profissionais, entre eles artistas plásticos e músicos. Com a criação do *Museu de Imagens do Inconsciente* surge uma nova maneira de se olhar o louco e a loucura, o esquizofrênico e a esquizofrenia (LIMA, 1997).

Nos trabalhos destes dois psiquiatras inovadores, é possível perceber o papel central da linguagem, da capacidade humana de simbolizar. Seja por meio da palavra ou do da imagem, a criação simbólica dos pacientes é compreendida como uma atividade essencial para manutenção da saúde psíquica, visto que é através da atividade criativa que o sujeito criador se organiza e estabelece laços com o universo exterior. Tal orientação, desenvolvida e difundida a partir dos anos 70, se opõe à compreensão da psiquiatria tradicional, segundo a qual a produção simbólica do paciente com transtornos mentais é marcada por uma linguagem desestruturada, tendo suas produções linguísticas, muitas vezes, denominadas como *fala alienada*.

Os CAPS procuram dar continuidade ao trabalho iniciado por Nise e Osório, criam novos dispositivos e organizam atividades em que os usuários possam fazer uso de várias linguagens em busca de uma organização simbólica interna, da construção de sentido e do estabelecimento de vínculos comunitários. Essas oficinas começaram a se organizar em torno de trabalhos produtivos, atividades expressivas e artísticas com enfoque no trabalho grupal e por meio do trabalho com diversas linguagens busca inserir estes sujeitos na comunidade.

A partir dos anos 80, várias experiências que foram feitas em busca da *desinstitucionalização* da saúde mental. Em 1989, a Casa de Saúde Anchieta, no município de Santos, realizou a intervenção institucional e criou um espaço de convivência. No mesmo período, marcado pelo trabalho de Nise da Silveira, é criado o Espaço Aberto ao Tempo, no Rio de Janeiro. Em 1986, surge o CAPS Professor Luiz da Rocha Cerqueira, em São Paulo, com o desafio de inventar uma nova clínica. Em todas estas propostas, a organização de um conjunto de atividades diárias fez com que o paciente pudesse participar mais ativamente de seu processo terapêutico e as oficinas e ateliês ganham papel central nestas clínicas.

Todas as oficinas terapêuticas apostam no trabalho grupal para promover a socialização. Elizabeth Araújo Lima conclui que as oficinas são elementos que por meio da utilização de diversas ferramentas tais como, exposições de arte, cinema, música, esporte, entre outras promovem e possibilitam a recomposição da base existencial do sujeito, em que o corpo é o sujeito da cultura.

Esses espaços sociais são voltados para o trabalho com a linguagem. Em especial para sujeitos que são diagnosticados como tendo uma “língua alienada”. Os profissionais destes espaços buscam acolher toda forma de comunicação desses sujeitos, pois acreditam que eles têm algo a dizer em uma linguagem que pode ser expressa sem palavras (LIMA, 1997).

3 SÍTIO DE RECUPERAÇÃO TERAPÊUTICA RENASCER- CAPS/JAGUARÃO

No município de Jaguarão, o CAPS *Sítio de Recuperação Terapêutica Renascer* foi criado em 1995 visando a atender pacientes egressos dos hospitais psiquiátricos desta comunidade. De acordo com as especificidades da região, o estabelecimento funciona nos moldes de um CAPS I.

A princípio o serviço era realizado em prédios alugados. A linha de tempo abaixo (Figura 1) apresenta a trajetória do CAPS no município de Jaguarão. Entre 1995 e 2000, o centro funcionava em um prédio alugado, localizado na Avenida 20 de Setembro. No período de 2000-2004, o centro mudou-se para um prédio alugado na Rua General Câmara. Antes de ir para o prédio próprio, o centro estava em funcionamento na Rua Augusto Leivas no período de 2004-2008.

Figura 1- Trajetória dos prédios do CAPS/Jaguarão



Fonte: arquivo pessoal da autora

Há aproximadamente dez anos, por meio de uma consulta popular, o município adquiriu prédio próprio para o CAPS – Sítio Renascer (Figura 2), no bairro Kennedy e atualmente é considerado referência na região.

Figura 2- Prédio atual do CAPS/Jaguarão



Fonte: arquivo pessoal da autora

No período em que foi realizada esta pesquisa, o quadro de funcionários do CAPS estava composto por um psicólogo, um assistente social, um enfermeiro, um arte-terapeuta, dois técnicos em enfermagem, um técnico administrativo, um agente de saúde, um clínico geral, um psiquiatra, um artesão, um cozinheiro e um zelador.

Atualmente, o Sítio Renascer, situado no bairro Kennedy, atende cerca de 60 usuários com transtornos mentais severos ou persistentes, tais como: depressão, bipolaridade, psicoses e neuroses. Estes pacientes foram atendidos diretamente no CAPS ou foram previamente encaminhados ao centro pela rede pública de saúde. A trajetória de cada usuário do CAPS é singular, porém há um padrão de funcionamento. Depois de acolhidos pela equipe profissional do centro, o caso é discutido em equipe e é decidido o melhor tratamento para cada indivíduo buscando sua inserção social através de um atendimento diário.

As principais atividades desenvolvidas no *Sítio de Recuperação Terapêutica Renascer* são as oficinas terapêuticas. Estas oficinas abarcam práticas de diversos campos. Dentro da esfera artística, são oferecidas oficinas de música, pintura, desenho, cerâmica, colagem, literatura. Dentre as atividades manuais, são oferecidas oficinas de tapeçaria, crochê, tricô, confecções de bonecas, pintura em tecidos, embalagens para presentes, confecções de bijuterias, trabalhos em EVA, marcenaria, cestaria em papel, artesanato em biscuit, jardinagem e autoestima (higiene,

embelezamento) e oficinas de alfabetização. Além disso, são realizados atendimentos e avaliações psicológicas de usuários e de seus familiares. Assim como em outros serviços públicos, são realizadas reuniões de equipe bem como reunião com familiares e assembleias gerais, das quais participam funcionários, usuários e familiares.

3.1 MEU CONTATO COM O CAPS

Feita esta caracterização histórica do CAPS – Sítio Renascer relato a seguir trechos dos diários de campo que foram produzidos durante o período de vinte e seis de janeiro a dezoito de maio de 2018. Estas anotações foram produzidas durante minhas visitas ao CAPS – Sítio Renascer durante as oficinas de cerâmica, pintura e música, coordenadas pelo mesmo arte-terapeuta, da qual fazem parte cerca de 60 usuários, sendo o grupo dividido entre as oficinas e o atendimento com o psiquiatra.

3.1.1 DIÁRIOS DE CAMPO:

Dia 26/01/2018:

Acordei sentindo um turbilhão de emoções, ansiosa, receosa, nervosa, feliz. Cheguei ao *Sítio Renascer* mais cedo do que o combinado e fiquei alguns minutos aguardando em frente ao prédio. Resolvi entrar. Entrei, sentei numa bonita sala de recepção e a coordenadora veio me receber. Conversamos um pouco e disse-lhe que aguardaria a chegada do meu orientador. A primeira impressão que nos passa a sala de recepção do CAPS (Figura 3) é de um espaço de acolhimento, com cores alegres, quadros nas paredes, me senti muito bem naquele espaço.

Apesar de meu irmão ser frequentador, não conhecia o Sítio Renascer, fiquei encantada e feliz por encontrar um espaço tão bonito e acolhedor.

Figura 3- sala de recepção do CAPS/Jaguarão



Fonte: arquivo pessoal da autora

Uma usuária se aproximou e disse:

- Deixa eu te dar um beijo? Pois, te achei muito simpática e sou uma pessoa muito afetuosa.

Sorri e respondi:

- Claro que podes.

Ela me deu dois beijinhos e se foi. Outro usuário se aproximou e perguntou:

- Como estás? Tudo bem contigo?

Respondi:

- Sim, estou bem. E tu?

Ele disse:

- Estou bem. E se foi.

O que se percebe é que apesar dos olhares de desconfiança de alguns, encontramos um espaço de busca e troca de afetos, pois não é comum que ao adentrarmos em espaços diversos pessoas que não nos conhecem se aproximem e nos beijem. Estas interações fizeram com que me sentisse acolhida. Chegou meu orientador e combinamos os detalhes de minhas observações. As observações

seriam realizadas nos dias das oficinas do arte-terapeuta. Quintas-feiras, pela manhã, as oficinas de pintura e sextas-feiras, pela manhã, oficinas de música. Esta coleta de dados, a princípio, ajudaria na minha investigação para verificar como a função poética da linguagem se manifesta nesta comunidade de prática, como é feito o uso poético da linguagem nas oficinas terapêuticas do CAPS/Jaguarão. Entregaram alguns panfletos que tinham sobre o CAPS e nos levaram para conhecer as instalações. Fiquei impressionada, pois o local é muito bonito e iluminado e saí com uma ótima impressão.

Dia 22/03/2018 - Oficina de pintura:

Estava ansiosa e ao mesmo tempo apreensiva, pois seria minha primeira observação. Cheguei ao CAPS e os usuários estavam terminando o café. O arte-terapeuta me apresentou para o grupo de pacientes e falou que eu iria acompanhar algumas oficinas e talvez fizesse algumas perguntas a eles, pois estava fazendo meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Uma paciente se aproximou e meu deu dois beijinhos, em seguida mais uma fez o mesmo. Aqui se percebe o acolhimento, a troca de afeto, a busca da inclusão.

Os outros só me olharam e seguiram seus afazeres: uns terminando o café, outros se dirigindo para a oficina e alguns já fazendo suas pinturas. Peguei meu caderno e me sentei com eles, na mesa com maior número de pessoas, e comecei a fazer anotações. Uma paciente me viu escrevendo, se aproximou e perguntou:

- Tem que assinar?

Respondi que não, que estava fazendo anotações para o meu trabalho de conclusão de curso e ela se foi. O que se percebe é que ela queria assinar, escrever, pois eles assinam a folha de presença e se vê que para ela esta escrita é importante. Tentei contar o número de participantes diversas vezes, mas não consegui, pois estavam sempre transitando. No fim da oficina, fiquei sabendo pelo terapeuta que estavam presentes 33 participantes. Meu trabalho surgiu do interesse em descobrir como pessoas com transtornos mentais, com neurônios queimados são capazes de escrever coisas tão criativas, por isso perguntei ao terapeuta sobre as escritas, como se desenvolviam. Conversando com ele descobri que só dois escrevem. Meu irmão, que não estava presente, pois está

internado em Pelotas, e outro rapaz conhecido como o *Poeta Preguiçoso* que se aproximou de mim e perguntou:

- *Tu também escreves?*

Respondi que sim, mas não como ele e meu irmão, que escrevem poesias e músicas, que eu estava fazendo anotações para meu TCC. Quando disse o nome do meu irmão, ele me olhou, sorriu e foi contar para o terapeuta. O arte-terapeuta me mostrou as escritas do poeta preguiçoso. Disse que o poeta dizia uma palavra, ele escrevia em uma folha entregava para ele e que a partir desta palavra, o poeta escrevia 10 ou 12 palavras que fizessem rima com ela e depois escrevia a poesia. Comentou que no caso do poeta preguiçoso, era necessário este jogo de conhecimento, pois como eu já devia ter percebido ele gostava de trabalhar assim, por este motivo era conhecido por *Poeta Preguiçoso*. Disse que eu devia ter notado que ele gostava de escrever palavras que tivessem rima e dessas palavras produzir suas poesias, ou *raps* como ele intitula seu trabalho.

O poeta retornou e perguntei:

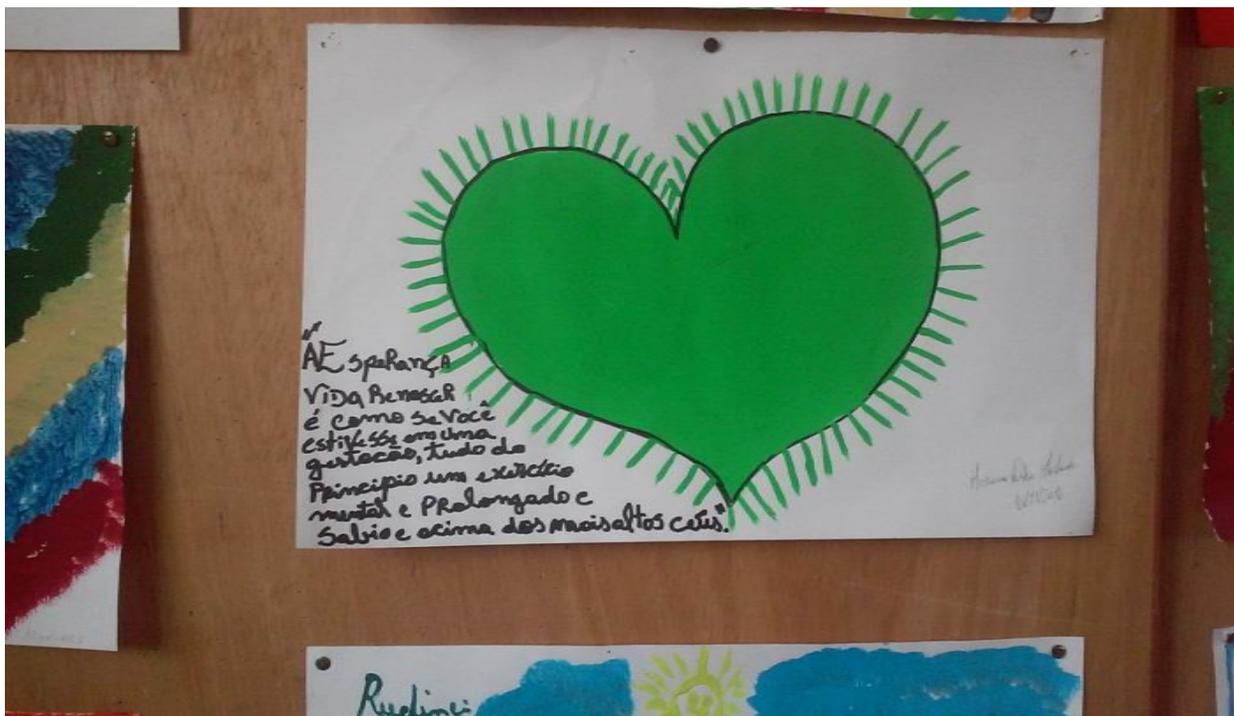
- *Tu escreves poesias?*

Ele respondeu:

- *Não, são Raps.*

Achei muito interessante a visão dele de suas escritas, pois para mim pareciam poesias. A maioria dos usuários estava concentrada no trabalho e por este motivo fiquei só observando, com o intuito de não atrapalhar. Conversei apenas com os que se aproximaram, procurando respeitar o espaço deles e também para não deixar ninguém incomodado com a minha presença. Espero que no transcorrer dos dias mais pessoas se aproximem. Enquanto alguns estavam concentrados na pintura, outros estavam dispersos em pequenos grupos conversando. Observando as pinturas, me deparei com objetos de cerâmica, perguntei ao terapeuta se eram eles que faziam as obras, ele disse que sim e que era quem ministrava a oficina de cerâmica, nas sextas-feiras à tarde. Pedi para assistir uma oficina, pois me encantei com os trabalhos, ele concordou. Comentou que ministrava 03 oficinas: a de pintura, a de música e a de cerâmica. Abaixo algumas fotografias com as obras de pintura feitas pelos usuários (Figuras 4 e 5).

Figura 4- Pintura produzida pelos usuários



Fonte: arquivo pessoal da autora

Figura 5: Pintura produzida pelos usuários



Fonte: arquivo pessoal da autora

A paciente que havia me beijado na chegada estava sentada ao meu lado concentrada em seu trabalho, terminou a pintura que estava fazendo e começou outra. Olhei para ela e sua pintura, me pareceu que se encontrava em um mundo próprio, concentrada, de tal maneira que não percebia minha presença a seu lado.

Observei outra vez o espaço. Uma sala ampla, arejada com muitas janelas, bem iluminada, com paredes verdes claras, muitas lâmpadas e ventiladores. Um balcão divide o espaço de um lado ficam as mesas do refeitório e do outro o amplo espaço das oficinas.

Um usuário se aproximou e perguntou pelo meu irmão, respondi que estava bem, mas ele ficava repetindo:

- Está bem, mas estão tratando ele bem?

Percebi que sua preocupação era com o tratamento que meu irmão estava tendo na internação, sua voz denotava a aflição, como se dentro da instituição não fossem bem tratados. Esta preocupação me levou a refletir sobre as relações dentro do CAPS, pois aqui se percebe um cuidado, uma preocupação com o companheiro, um senso de comunidade.

Como havia poucos usuários na oficina, tinha visto um número muito maior na minha chegada perguntei a terapeuta pelos outros pacientes. Ele me explicou que nas quintas-feiras vinha o psiquiatra e por isso o grupo era dividido, alguns ficavam na oficina e outro grupo ia para o atendimento com o psiquiatra.

O terapeuta fez a chamada e eles iam respondendo e avisando quando alguém chamado estava com o psiquiatra diziam: *- Está no grupo.*

O arte-terapeuta chamou um usuário que não tinha ido à oficina, brincou com eles, *“o fulano se dormiu, por este motivo não veio”*, todos riram muito.

Uma paciente se aproximou do terapeuta e perguntou:

- Posso sair?

O professor disse:

- Sim, podes.

Ela disse:

- Mas está muito calor.

Ele respondeu:

- Então tira o casaco.

Ela estava com um casaco grosso de inverno naquele calor, a maioria estava de camiseta.

Ela disse:

-*Vou tirar.*

Depois olhou para ele e disse:

- *O senhor é muito bonzinho.*

Ele a segurou pelos ombros olhou para ela e disse:

-*Eu sou bonzinho? Então me passa 50 reais.*

Ela riu muito e disse:

- *O senhor é espertinho.*

Os dois riram muito.

Dia 23/03/2018- manhã- Oficina de música:

Cheguei e já ia começar a oficina de música. Alguns pacientes me cumprimentaram, outros só me olharam. Traziam as cadeiras enquanto o terapeuta se organizava. Ele começou a cantar, e muitos que estavam sentados no pátio se aproximaram rapidamente com suas cadeiras. O professor, como eles chamam o terapeuta, parou de tocar e foi ajudá-los a se organizarem. Formaram três filas com 10 cadeiras em formato de semicírculo ao redor do terapeuta. Dois pacientes que estavam com instrumentos musicais sentaram próximos ao terapeuta. Uma paciente que estava tomando chimarrão se sentou na outra ponta da mesa que eu estava sentada e ficou me olhando fixamente, percebi que estava mal, por isso evitei olhar para ela.

O terapeuta começou então a fazer um aquecimento. Primeiro pediu que levantassem, sacudissem as mãos e os braços, a seguir fizessem um movimento com os ombros, pernas, cabeça, mãos e por fim um aquecimento vocal. Todos levantaram e seguiram o comando do professor, contentes. Todos assinaram a lista de presença, como se para eles assinar a lista fosse muito importante e se percebe a importância que dão à escrita. O terapeuta disse:

- *Vamos começar?*

E começou a tocar *Amigo*, de Roberto Carlos. Foi lindo demais, me emocionou, tive que conter as lágrimas enquanto ouvia aquelas pessoas cantando. Só pensava: - *Meu Deus, obrigada por este momento.* Que momento indescritível. Lindo demais. Nunca pensei que algo tão simples, singelo pudesse me emocionar de tal forma. Aquelas vozes unidas e emocionadas, felizes, o terapeuta cantando com um sorriso no rosto, sem palavras.

A cozinheira veio contar o número de pacientes que iriam ficar para o almoço e abraçou uma usuária com carinho.

Começaram a tocar e cantar outra canção *Casa de Tapera*¹, outra vez a emoção tomou conta de mim.

O terapeuta conversou com eles a respeito de um churrasco que alguns gostariam de fazer. Perguntou quem iria se encarregar de arrecadar o dinheiro, eles disseram: - *O senhor*. Ele disse que gostaria que um deles se responsabilizasse, pois, eles tinham que ter autonomia e gostaria que eles escolhessem um representante deles, pois já fazia muito tempo que tinha pedido para eles eleger e eles não haviam escolhido ninguém ainda. Aqui o que se percebe é que o terapeuta busca atribuir responsabilidade a eles, para que tenham autonomia, tomem as rédeas da situação em suas mãos, mas percebe-se também que eles têm receio desta reponsabilidade.

Começaram a tocar a música *Rio* (ASAS DA LIBERDADE, 2015), de autoria do meu irmão e aí não aguentei, as lágrimas escorreram. Foi emocionante demais.

Em seguida foi à canção *No Horizonte* (ASAS DA LIBERDADE, 2015), cuja letra foi composta pelo grupo de usuários, numa oficina de literatura.

O professor falou que a próxima música era de Kleiton e Kledir, mas era uma adaptação, pois havia trocado algumas palavras *Jaguarão é meu Porto*.

Por fim, tocaram *Era Uma Vez*, de Sandy e Junior e encerraram com *Amigos Para Sempre*. Duas pacientes cantaram de mãos dadas.

O arte-terapeuta disse que ia fazer a chamada e brincou que quem não faltasse nenhuma oficina iria jantar com ele no restaurante do hotel *Sinuêlo*. Em seguida deu as boas vindas a uma paciente e falou para o grupo que ela estava com um problema sério de pulmão e que não podia fumar e que eles não fumassem perto dela, que cuidassem dela. Por último avisou que haveria cortes de usuários na oficina de música, pois estavam faltando sem justificar e que tinham que assumir a responsabilidade com a oficina, pois esta fazia parte do tratamento deles e era tão importante quanto à medicação. Pode-se perceber que na oficina de música além do trabalho com diversos tipos de linguagem, o arte-terapeuta trabalha também com atividades física, movimentação corpórea,

¹De acordo com o arte-terapeuta, letra desta música foi escrita por um usuário que, no momento da pesquisa de campo, não frequentava mais o CAPS. A música nunca foi gravada e circula entre os usuários do CAPS.

alongamento, aquecimento, além disso, existe um trabalho de buscar a autonomia deles, fazer com que assumam responsabilidades e por fim a preocupação com o bem-estar do próximo, o cuidado mútuo.

Dia 23/03/2018- à tarde- Oficina de Cerâmica:

Cheguei um pouco antes do horário combinado, mas já estavam todos sentados, concentrados em seus trabalhos. Apenas uma paciente estava isolada tomando chimarrão, a mesma que pela manhã sentou na minha frente e ficou me olhando fixamente, Eu havia evitado olhar, com receio que se sentisse incomodada com a minha presença e por não saber o que se passava em seu pensamento, se era uma pessoa tranquila ou violenta. Essas questões foram respondidas pela cozinheira que me disse ela está brava desde esta manhã: - *Não sei o que se passa com ela, pois não costuma agir assim.*

A oficina ocorria bem tranquila, todos sentados, concentrados, de vez em quando alguém chama o terapeuta para mostrar o trabalho. Como ainda não consegui conversar com ele para saber se posso interagir com os pacientes, se não vou atrapalhar a oficina, fiquei só observando e aproveitei para fotografar os trabalhos, pois já havia pedido permissão ao terapeuta, pela manhã.

Quando a oficina se aproximava do fim me aproximei da mesa grande e procurei conversar com algumas pacientes que já haviam terminado seus trabalhos, elogiei os trabalhos e perguntei a uma delas:

- *Qual oficina tu mais gostas?*

Ela respondeu:

- *A de música.*

Outra usuária que estava ao lado dela disse:

- *Gosto de todas. Elas me distraem.*

Uma paciente que estava mais distante olhava para mim e para seu trabalho, como se pedindo um elogio. Aproximei-me, olhei seu trabalho e disse:

- *Que lindo! É uma cesta de páscoa?*

Ela ficou extremante feliz e respondeu sorrindo:

- *Sim, mas hoje está muito difícil de trabalhar com a argila.*

Ao que respondi:

- *De qualquer maneira teu trabalho está muito bonito.*

Ela ficou extremamente feliz e olhou com orgulho para sua obra de arte, isso me encheu de alegria, pois um simples elogio fez toda a diferença para ela. Nas imagens abaixo algumas cerâmicas produzidas pelos usuários (Figuras 6 e 7).

Figura 6- Artefatos de cerâmica produzidos pelos usuários



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 7 - Artefatos de cerâmica produzidos pelos usuários



Fonte: Acervo pessoal da autora

Dia 19/04/2018- Oficina de Pintura:

Retornei ao CAPS depois de 26 dias de ausência, devido a feriados, viagens, problemas de saúde. Cheguei cedo e fiquei na sala de espera, uma paciente se aproximou, sorriu e me beijou, ela é a paciente que sempre me beija. Meu orientador chegou. Entramos e os usuários estavam sentados começando seus trabalhos. Os pacientes pediram ao terapeuta a folha de presença para assinarem. Uma paciente avisou que não viria no próximo dia, pois iria a Pelotas visitar o filho. Havia quinze usuários na oficina, por ser quinta-feira, dia de atendimento do psiquiatra o grupo se encontrava dividido.

Estava conversando com o meu orientador e uma paciente que estava ao meu lado perguntou:

- Tem filme para nós olhar?

Respondi:

- Filme? Não estou sabendo.

Ela então disse:

- Entendi que a senhora tinha dito filme para nós olhar.

Respondi:

- Não. Estava falando para o meu orientador da oficina de amanhã, a de música, que gosto muito.

Uma paciente perguntou ao terapeuta se já havia assinado a folha. Aqui se percebe a importância da assinatura para eles. Como é importante o ato de escrever o nome deles na folha de presença, mesmo que o terapeuta faça a chamada, para eles a importância está na assinatura deles.

O poeta preguiçoso escolheu uma palavra, “*mestre*” o terapeuta anotou, entregou a folha para ele e disse que escrevesse palavras que rimassem com esta. Ele olhou para o terapeuta e disse:

- Muito difícil.

O terapeuta respondeu:

- Foste tu que escolheste esta palavra. Então troca.

Ele respondeu:

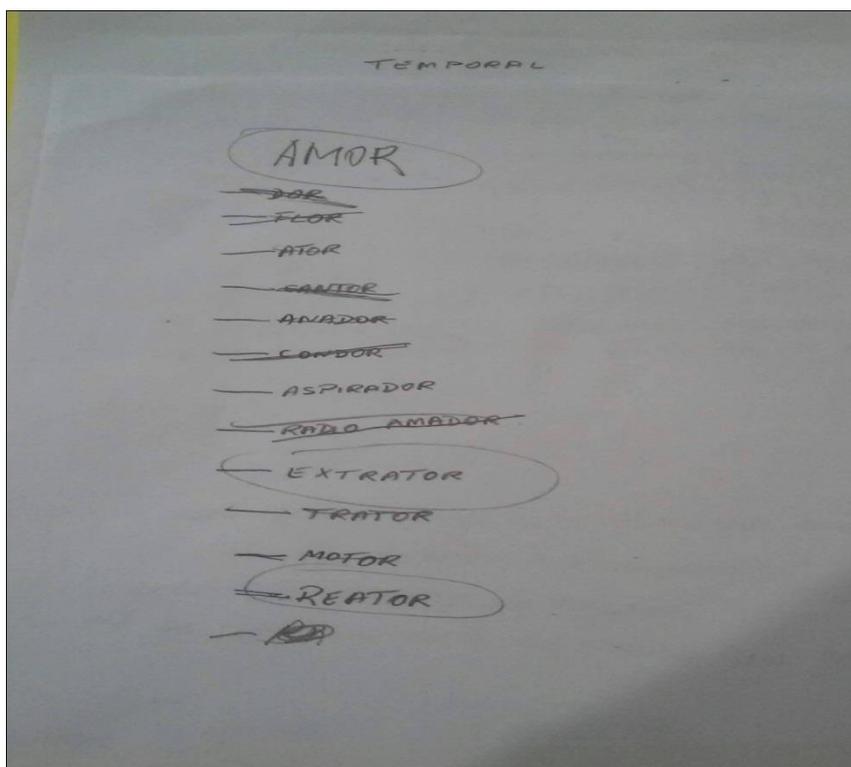
- Mas, não pode trocar.

O arte-terapeuta disse:

- Pode. A poesia é tua.

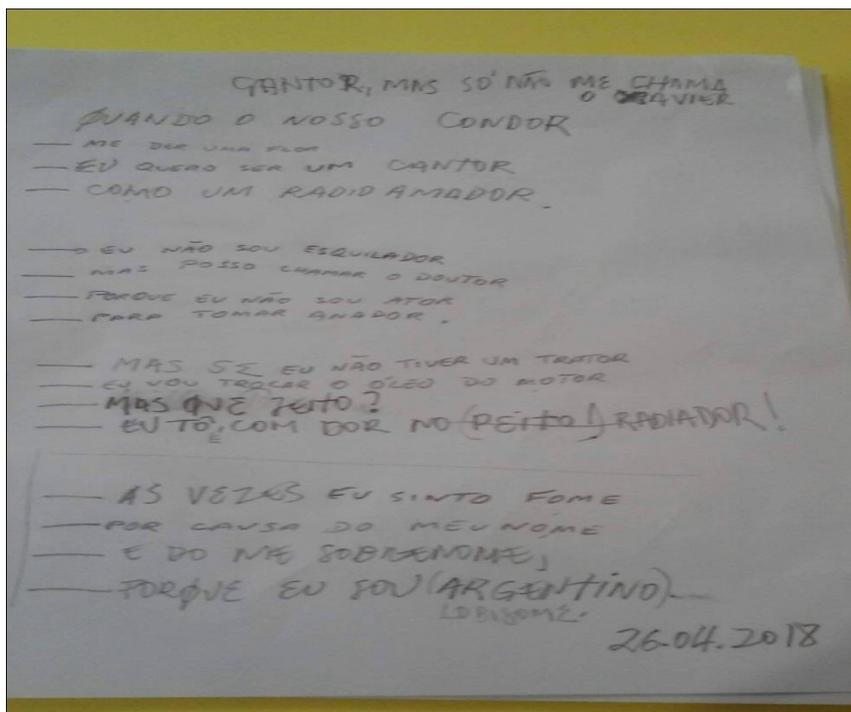
Então ele escolheu a palavra “amor”. O terapeuta disse que ele escrevesse cinco palavras que rimassem com “amor”. Ele escreveu: “Dor, flor, cantor, anador e ator”. O arte-terapeuta disse que estava bom, mas que escrevesse mais cinco palavras, ele então escreveu: “Condor, aspirador, radioamador, trator e extrator”. O terapeuta disse mais duas, as palavras escritas foram: “Motor, reator” (Figuras 8 e 9). Abaixo a poesia que o poeta preguiçoso escreveu com as palavras escritas e escolhidas por ele:

Figura 8 – Palavras escritas pelo Poeta Preguiçoso



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 9 – Poesia produzida pelo Poeta Preguiçoso



Fonte: Acervo pessoal da autora

Transcrição:

Cantar, mas só não me chama o Xavier
Poeta Preguiçoso

Quando o nosso condor
Me der uma flor
Eu quero ser um cantor
Como um rádio amador

Eu não sou esquilador
Mas posso chamar o doutor
Porque eu não sou ator
Para tomar anador

Mas se eu não tiver um trator
Eu vou trocar o óleo do motor
Mas que jeito?
Eu tô é com dor no (peito) radiador

Às vezes eu sinto fome
Por causa do meu nome
E do sobrenome,
Porque eu sou (Argentino)
Lobisome

Um paciente que costuma desenhar o presídio terminou seu desenho, se aproximou do meu orientador de TCC e perguntou:

- O senhor quer?

Meu orientador riu e perguntou:

- [...] entrar?

Alguns pacientes acharam graça e riram. Falei para o meu orientador de TCC:

- Eles querem que o senhor troque de prédio. Deixe a Unipampa e vá para o presídio.

O poeta que se encontrava ao meu lado disse:

- A Unipampa não pode fechar.

Fiquei curiosa para saber o motivo desta fala, mas não consegui falar com ele.

Esta oficina estava mais barulhenta que a que eu tinha observado anteriormente. Os usuários pintavam, conversavam e riam interagindo uns com os outros. Na outra oficina de pintura eles estavam mais quietos.

Um usuário entrou e foi falar com o terapeuta, disse que estava bem, que só Deus e os profissionais do CAPS para ajudá-lo. Depois se aproximou do meu orientador e disse:

- Tudo de bom para o senhor.

Aproximou-se de mim e disse o mesmo. Foi na outra mesa disse a mesma frase para outro usuário e saiu.

Meu irmão terminou seu trabalho e veio me mostrar, eu disse:

- Está muito bonito.

O terapeuta fez a chamada, eles iam respondendo e quando o nome de alguém que estava com o psiquiatra, era chamado, respondiam: *- Está no grupo.*

Uma paciente me perguntou:

- Posso sair?

Respondi:

- Não sei. Tens que perguntar para o terapeuta.

Ela olhou para mim disse:

- Estão saindo, e se foi.

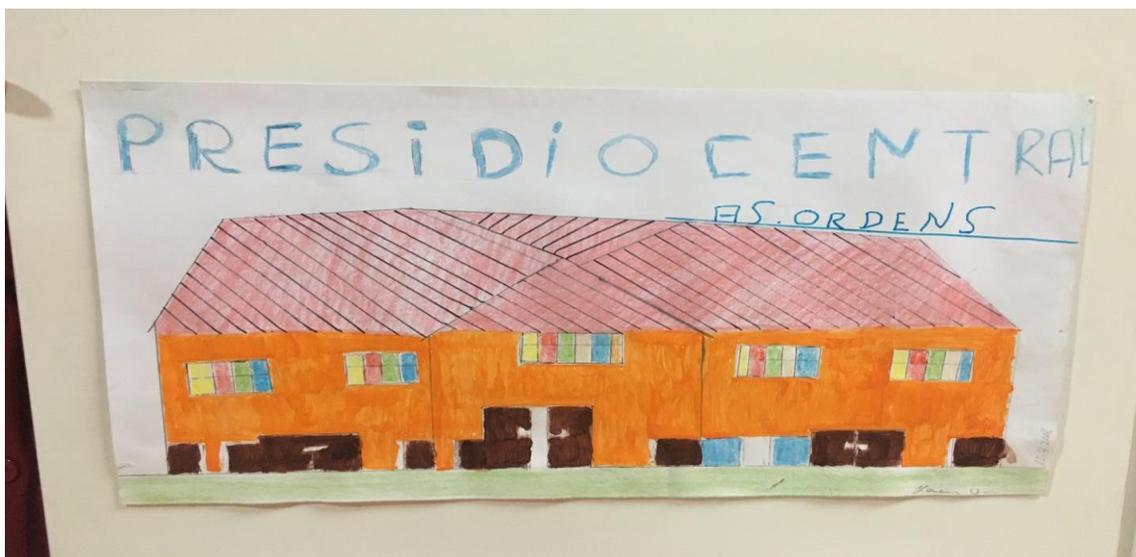
Um usuário disse em tom de brincadeira:

- Amanhã não precisam vir.

Eu disse:

- *Tão logo amanhã que é a oficina de música e eu adoro.*
E assim terminou a oficina de pintura.

Figura 10 – Pintura produzida pelos usuários



Fonte: PET-PPC/UNIPAMPA

Dia 20/04/2018- Oficina de música:

Neste dia fiquei só vinte minutos, pois comecei meu estágio IV e o horário coincide. Cheguei e o terapeuta não estava na sala. Alguns usuários estavam sentados e outros buscando cadeiras para formar o semicírculo perto do terapeuta.

O arte-terapeuta entrou na sala e perguntou em tom de brincadeira:

- *Quem não tomou a medicação hoje?*

Duas usuárias levantaram a mão e disseram: - *eu.*

Ele disse:

- *Passa lá na enfermaria.*

Elas riram.

Uma paciente chegou me beijou e foi sentar.

O terapeuta avisou que no dia 10 de maio eles iriam viajar para São Lourenço, que quem quisesse ir teria que pagar o almoço lá, pois não seria de graça, mas que se eles levassem uns vinte reais deveria dar, pois o almoço

deveria custar uns 15 reais ou então eles poderiam levar de casa o que quisessem comer.

O arte-terapeuta disse:

- *Vamos começar com a música, Amigo.*

- *Vocês sabem de quem é esta música?*

Os usuários responderam:

- *Roberto Carlos.*

O terapeuta perguntou:

- *Vamos cantar esta lá em São Lourenço?*

Os pacientes disseram:

- *Claro que sim. É bonita e a gente sabe.*

Um usuário brincou:

- *Vou ter que encontrar um amigo para levar.*

O arte-terapeuta respondeu, em tom de brincadeira:

- *Então o senhor não considera ninguém aqui seu amigo. O senhor é muito desconfiado.*

Começaram a tocar *Casa de Tapera*. Tive que sair, pois estava na hora da minha aula.

Dia 18/ 05/2018- Oficina de música

Retornei ao CAPS depois de 22 dias, devido à viagem dos usuários e férias do arte-terapeuta.

Cheguei cedo e fui conversar com o arte-terapeuta. Ele me disse que não haveria oficina, pois era o Dia Nacional de Luta Antimanicomial e também aniversário de 10 anos do CAPS naquele prédio, por este motivo eles iriam fazer uma passeata e retornar para o almoço comemorativo. Aproveitei a oportunidade para solicitar uma reunião com ele, pois tinha algumas dúvidas e gostaria de saná-las, ele me perguntou se seria possível nos reunirmos às 18h na UNIPAMPA, concordei e assim ficou combinado.

Ele me perguntou como estava indo o TCC e eu disse que precisava escrever mais algumas coisas, pegar os dados que faltavam com ele e analisar. Ele me comentou que achava que eu já possuía dados suficientes e que agora era hora de escrever, pois já faltava pouco tempo, concordei e disse que iria

conversar com meu orientador. Ele disse que na outra semana não haveria oficinas, pois seria feriadão.

3.1.2 PRODUTOS POÉTICOS DO CAPS - SÍTIO RENASCER- JAGUARÃO

Durante a experiência de campo, diversas foram as ocasiões nas quais os usuários e arte-terapeuta faziam referências a canções produzidas dentro do CAPS. Para que seja possível apresentar alguns desses produtos poéticos, é necessário que se fale do surgimento do Grupo Vocal Asas da Liberdade.

De acordo com o arte-terapeuta que conduz as oficinas observadas, esse grupo vocal foi criado em agosto de 1999 e surgiu do desejo de usuários e profissionais do CAPS de concretizar o sonho de utilizar a música, como instrumento terapêutico no processo de reabilitação destes pacientes. Em busca de estreitar os laços de respeito, solidariedade, motivar, resgatar a cidadania, incluir os integrantes ao convívio social foi criado o grupo vocal.

Ao longo dos anos, durante muitas oficinas terapêuticas, foram compostas várias letras de música e melodias próprias, desenvolvidas tanto em processo coletivo como individual pelos integrantes do grupo vocal com o auxílio e participação do arte-terapeuta, sendo que *Bem Querer*, *Rio* e *No Horizonte* sempre mereceram uma atenção especial do próprio grupo, que sentiu a necessidade ter registrada suas vivências dentro desse espaço transformador, responsável pela inserção e reabilitação psicossocial destes sujeitos.

A realização deste sonho se deu por meio do registro discográfico em CD e a produção de um documentário com a trajetória do grupo. Reproduzo abaixo alguns dos produtos poéticos produzidos pelo CAPS/Jaguarão, as letras das músicas *No Horizonte* e *Bem Querer* construídas pelo Grupo Vocal Asas da Liberdade, comunidade CAPS, e *Rio* de Fharide Cardoso Khader e Gilberto Isquierdo.

Transcrição da música *No Horizonte*, de autoria coletiva

NO HORIZONTE

GV Asas da Liberdade
Gilberto Isquierdo

NO HORIZONTE É QUE A LIBERDADE EXISTE
ONDE OS VOOS NOS LEVAM AO INFINITO

NA BELEZA DE IMAGINAR NOSSOS SONHOS
CONSTRUÍMOS CAMINHOS PARA A FELICIDADE

TEMOS A COR DA PAIXÃO NOS CORAÇÕES
IREMOS ASSIM, EM BUSCA DA REALIDADE

**TENHO UM SONHO DE ESPERANÇA
VIAJAR EM ONDAS DE SONS
HÁ UM BRILHO NO HORIZONTE
SÃO AS VOZES DA LIBERDADE**

Em conversa com o terapeuta, descobrimos que a letra da música *No Horizonte* foi composta em aproximadamente sete ou oito oficinas. Neste processo ele buscou o estímulo através de um tema. A proposta foi de que os usuários pensassem em três palavras importantes na vida deles e anotassem para trazer para a oficina. Aqueles que não sabiam ler e escrever falariam as palavras e o terapeuta tomaria nota.

Cada palavra trazida pelos usuários foi escrita em um papel separado, colocada em um saco e misturada. Durante um encontro, cada usuário retirou uma palavra, que era anotada pelo terapeuta em sentido vertical, uma abaixo da outra, sobre um papel pardo grande. Segundo ele, as palavras são um desejo das pessoas, as palavras que foram anotadas já conversavam entre si. O processo de escrita foi finalizado pelo acréscimo de alguns verbos e adjetivos; e assim havia sido criada *No Horizonte*.

Transcrição da música *Bem Querer*, de autoria coletiva

BEM QUERER

GV Asas da Liberdade
Gilberto Isquierdo

UM BOM LUGAR PRA VIVER
UM BOM LUGAR PRA SE TER

**SÍTIO RENASCER
É BOM TE TER
COMO UM SONHO
UMA LUZ
UM BEM QUERER**

UM BOM LUGAR PRA ESTAR
UM BOM LUGAR PRA SE AMAR

**SÍTIO RENASCER
É BOM TE TER
É ESPERANÇA
UM POR-DO-SOL
UM NOVO AMANHECER**

**EU NUNCA VOU TE ESQUECER
SÍTIO RENASCER**

A música *Bem querer* demorou aproximadamente o mesmo tempo para ser criada, entre sete ou oito oficinas, porém o processo criativo foi um pouco diferente. O tema inicialmente escolhido foi o próprio CAPS- Sítio Renascer.

Do mesmo modo que a canção *No Horizonte*, os usuários traziam palavras a serem depositadas em um saco. Desta vez, ao sistema de escrever as palavras no papel pardo em sentido vertical, foi adicionada outra tarefa: sublinhar palavras chaves e repeti-las, o que conferiu à canção versos com valor de estrofe e um esquema de rimas. Por meio do acréscimo de verbos e adjetivos, a música *Bem Querer* foi criada.

Transcrição da música *Rio*, autoria de um usuário e do arte-terapeuta

RIO

Fharide Cardoso Khader

Gilberto Isquierdo

SAIO DO MEU LUGAR
MAS NUNCA ESQUEÇO
DAS ONDAS PEQUENAS
DO MEU RIO,
RIO JAGUARÃO
SÃO LEMBRANÇAS
QUE ME TRAZEM DE VOLTA
AO MEU CHÃO...
SAUDADE IMENSA
DESDE QUE DAQUI PARTI

A ÁGUA É QUE ME FAZ CRESCER
E ABASTECER
E HOJE

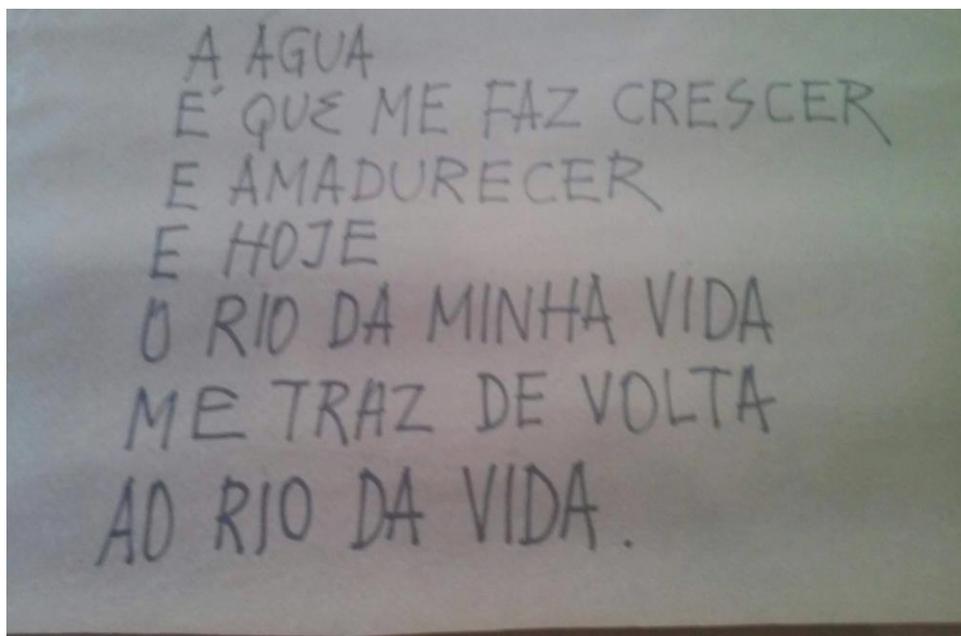
**ME TRAZ DE VOLTA
AO RIO DA VIDA**

Diferentemente das outras canções que são impressas em folhas de ofício, a letra da música *Rio* (Figuras 11, 12, 13), de Fharide Cardoso Khader e Gilberto Isquierdo se encontra em um rolo que é disposto na parede da sala de oficinas durante a oficina de música.

Figuras 11, 12, 13 – Letra da música *Rio*

RIO
SAÍO DO MEU LUGAR
MAS NUNCA ESQUEÇO
DAS ONDAS PEQUENAS
DO MEU RIO,
RIO JAGUARÃO
LEMBRANÇAS

SÃO LEMBRANÇAS
QUE ME TRAZEM DE VOLTA
AO MEU CHÃO...
SAUDADE IMENSA
DESDE QUE DAQUI PARTI.
A ÁGUA
ME FAZ CRESCER



Fonte: Acervo pessoal da autora

Diferente das canções de *No Horizonte* e *Bem Querer*, *Rio* não é produto de criação coletiva tal como ocorre nas oficinas. Esta composição é resultado de um trabalho desenvolvido por um usuário, o qual já escrevia uma série de outros textos, com o auxílio do arte-terapeuta.

Tendo contato com os textos produzidos por este usuário, o terapeuta o havia incentivado a que continuasse a escrever e que levasse os textos para o CAPS. Segundo o terapeuta, nesse conjunto de escritas havia textos muito bons e não sabia como ninguém, antes dele tinha percebido que poderiam ser muito bem aproveitados. Dessas escritas, o texto *Rio* foi recolhido para ser musicado.

O processo de construção era efetuado de forma conjunta, terapeuta e usuário se reuniam e conversavam sobre mudar algumas palavras para construir uma ou outra rima. Segundo o relato do terapeuta, poucas palavras foram trocadas. Em conjunto, eles foram musicando e assim construíram a música *Rio*. O terapeuta afirma que este trabalho foi extremamente positivo, e que os dois já estavam trabalhando em outra canção, que, no momento da pesquisa de campo, já havia sido musicada.

4 AS PRÁTICAS DE LINGUAGEM NO CAPS- SÍTIO RENASCER- JAGUARÃO

Antes de retomarmos os dados gerados durante a pesquisa de campo no CAPS-Sítio Renascer, é necessário compreender que estes espaços buscam acolher sujeitos em sofrimento psíquico e através de diferentes atividades terapêuticas fazer com que participem, interajam e tenham oportunidades de expressar-se, seja através de uma linguagem não verbal e/ou verbal, com isso permitindo-lhes fazer suas escolhas de modo autônomo, buscando viabilizar seu crescimento pessoal e sua reinserção social. Estes espaços são uma nova concepção de clínica e sua preocupação é promover o bem estar psíquico destes pacientes, através da união das famílias com os profissionais da saúde em busca de inseri-los na comunidade local.

Segundo Nise da Silveira estas atividades terapêuticas tornam mais fácil o conhecimento do mundo interior destes pacientes, pois estas atividades propiciam sua produção simbólica. Para a psiquiatra os trabalhos criados pelos pacientes permitem que expressem sua verdade interior, o valor de cada obra está em propiciar a organização interna destes sujeitos, suas expressões comunicativas e estes trabalhos cujo centro é o caráter expressivo de suas linguagens permite que formem laços comunitários.

Segundo a psiquiatria tradicional, a fala, a produção simbólica do paciente em sofrimento mental é marcada por uma série de sintomas. O paciente esquizofrênico, nesta concepção, apresenta uma fala desestruturada, reflexo de sua desestruturação mental que rompe o vínculo com a realidade. Na tentativa de compreender esta linguagem dita desestruturada, surgem essas oficinas terapêuticas que foram observadas. Elas são pensadas como espaços para que esses sujeitos criem seus objetos, seus produtos simbólicos e assim, coloquem em prática a sua “linguagem alienada”.

Os Centros de Atenção Psicossocial - CAPS procuram criar novos dispositivos e organizar atividades em que os usuários possam fazer uso de várias linguagens em busca de organizar sua mente, da construção de sentido. Os dispositivos das oficinas começaram a se organizar em torno de trabalhos produtivos, atividades expressivas e artísticas com enfoque no trabalho grupal e por meio do trabalho com diversas linguagens busca inserir estes sujeitos na comunidade. Sendo o trabalho com a linguagem o foco das oficinas terapêuticas nos propomos a demonstrar o uso destas práticas de linguagem presentes no dia a dia dos usuários do Centro de Atenção Psicossocial- Sítio Renascer.

Ao longo das observações feitas nas oficinas terapêuticas do CAPS- Renascer/Jaguarão, foi possível perceber que os usuários do sistema de saúde do CAPS/Jaguarão utilizam diversas formas de linguagem para comunicar-se, manifestar seus sentimentos e percepções do mundo em que estão inseridos. As oficinas terapêuticas propiciam a estes sujeitos a oportunidade de manifestar-se através de linguagens verbais e não verbais, permitindo que possam expressar-se de diferentes maneiras, uma vez que, alguns pacientes apresentam dificuldade de comunicação e interação social. Através das oficinas, diversos pacientes conseguem mostrar seus sentimentos e emoções e transmitir suas mensagens, através de uma linguagem não verbal, em seus trabalhos de pintura, cerâmica. Há também aqueles que por meio da linguagem verbal, seja em interações orais ou em suas produções escritas (poemas, músicas), expressam suas vivências subjetivas.

Além disso, as oficinas terapêuticas de pintura, música e artesanato buscam propiciar a estes sujeitos uma oportunidade de inserção na comunidade local e permitem sua organização mental, possibilitando que estabeleçam vínculos com outras pessoas ao participarem de exposições, apresentações do grupo vocal, viagens para interagir com usuários de outros municípios.

Como se vê, a criação artística e o trabalho com a linguagem é um importante instrumento de inserção e ressocialização. Nestas oficinas, o arte-terapeuta busca tanto a inserção individual como do grupo, desenvolvendo um trabalho que valoriza a capacidade de cada usuário, o respeito mútuo, e a formação de uma comunidade afetiva, visto que muitos transtornos mentais são marcados pela tendência ao isolamento. O arte-terapeuta, ao incentivar estes sujeitos a produzir diferentes trabalhos artísticos, oferece aos pacientes oportunidades para desenvolverem suas capacidades comunicativas, o que permite o desenvolvimento de linguagens próprias, o que revela vozes que estariam silenciadas.

Diante desta compreensão do campo de pesquisa, retomamos a pergunta da apresentação deste trabalho: O que faz um estudante de Letras num CAPS?

Propomos uma resposta: um estudante de Letras no CAPS investiga os usos da linguagem durante as oficinas terapêuticas. Num primeiro momento desta investigação, fazendo uma leitura dos dados gerados durante a pesquisa de campo, percebe-se o uso de diversas linguagens, que em alguns momentos são empregadas de modo poético. Em busca de investigar como a função poética da linguagem se manifesta nesta comunidade de prática se faz necessário apresentar esta função e para tanto foram utilizados os trabalhos do linguista russo Roman Jakobson e da

professora Samira Chalhub, dois estudiosos das funções da linguagem, dentre elas a função poética.

4.1 FUNÇÃO POÉTICA DA LINGUAGEM

O linguista Roman Jakobson (1896-1982) trouxe como grande contribuição para a linguística moderna seu estudo sobre a função poética da linguagem com o objetivo de definir o lugar da função poética dentre as demais funções.

Em *Linguística e Poética* ([1969] 2010) o autor se dedica a tratar da relação da poética com a linguística. Para Jakobson a poética é importante para os estudos literários, pois seu objetivo principal é saber o que faz uma mensagem verbal em uma obra de arte. Sendo a linguística a ciência global da estrutura verbal e a poética aquela que trata destes problemas, Jakobson afirma que a poética integra a linguística.

Muitos estudiosos não aceitam esse argumento, pois acreditam que a estrutura verbal da poesia difere de outras estruturas verbais já que a poesia possui caráter intencional, enquanto que outros tipos de estrutura verbais não apresentam esse caráter e por este motivo a poética estaria fora do campo científico. Para o autor,

De fato, qualquer conduta verbal tem uma finalidade, mas os objetivos variam e a conformidade dos meios utilizados com o efeito visado é um problema que preocupa permanentemente os investigadores das diversas espécies de comunicação verbal. Existe íntima correspondência, muito mais íntima do que o supõem os críticos, entre o problema dos fenômenos linguísticos a se expandirem no tempo e no espaço e a difusão espacial e temporal dos modelos literários. (JAKOBSON, 2010, p. 152-153)

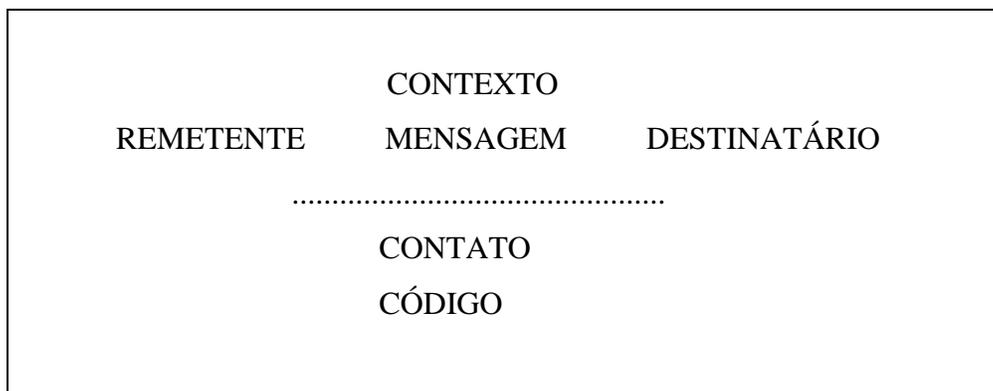
Desse modo, o autor aproxima os estudos poéticos dos linguísticos e critica as limitações impostas à linguística. Ao incluir a poética na linguística, como dito previamente, o autor se dedica a elaborar uma compreensão de *função poética* enquanto uma das funções da linguagem. Para compreender esta modificação conceitual, é necessário observar como Roman Jakobson propõe um estudo das diferentes funções que podem ser detectadas nos fenômenos linguísticos.

Na tentativa de propor uma ciência linguística que ultrapasse a descrição dos sistemas linguísticos, tal como são produzidos pela linguística da língua, Roman Jakobson retoma o circuito da fala – apresentado de modo muito simplificado no Curso de Linguística Geral – e propõe uma versão mais complexa a respeito do que ocorre durante o ato comunicativo. Roman

Jakobson em busca de estabelecer as funções da linguagem amplia o modelo tradicional da linguagem proposto por Karl Bühler que era baseado em três funções – emotiva, conativa e referencial.

Segundo o linguista russo seis fatores constituem a comunicação verbal, o remetente envia uma mensagem ao destinatário, receptor desta. A mensagem para ser eficiente deve ter um contexto a que se refere e necessita ter um código que seja entendido por ambos interlocutores. Esta mensagem é enviada através de um canal físico (contato) que possibilita a comunicação entre os interlocutores. Cada um desses fatores se relaciona com uma função da linguagem. A função referencial se relaciona ao contexto; a função emotiva ao remetente; a função conativa ao destinatário; a função fática ao contato; a função metalinguística ao código e a função poética a própria mensagem.

Figura 14 – Esquema dos fatores que constituem a comunicação verbal



Fonte: Jakobson (2010, p. 157)

Em suas palavras,

O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou “referente”, em outra nomenclatura algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou suscetível de verbalização; um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (ou, em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um contacto, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação. (JAKOBSON, 2010, p. 156)

Abaixo descrevemos as seis funções da linguagem de acordo com sua finalidade comunicativa. Apesar de termos distinguido os seis fatores que determinam a função da

linguagem, em uma mensagem dificilmente uma única função aparecerá, mas terá uma função predominante.

Centrada na primeira pessoa do discurso, no remetente, a **função emotiva** ou **expressiva** tem como objetivo expressar emoções ou sentimentos de quem fala em relação ao que é falado. Segundo Jakobson, quando a linguagem cumpre esta função, as mensagens são marcadas por interjeições, que indicam “o estrato puramente emotivo da linguagem é apresentado pelas interjeições” (2010, p. 157-158).

A função emotiva ou expressiva é centrada no emissor, marcada pela primeira pessoa do discurso, pelo uso de interjeições, adjetivos, advérbios, que revelam sentimentos, emoções, opinião do emissor.

Samira Chalhub traz a música *Detalhes* de Roberto Carlos para demonstrar a função emotiva, visto que essa função é típica de canções populares, novelas, pinturas. Para a docente, existe um mito de senso comum que identifica a arte com esta função emotiva, pois a arte seria a expressão dos sentimentos do autor, contudo existe outra postura em que a arte seria concebida como construção, ou seja, as emoções estéticas se constroem diante de novas formas de esculturas, poemas, pinturas onde o estranhamento, a surpresa diante do novo, identificaria o que é arte.

Por outro lado, **função conativa** é centrada no destinatário, marcada pela segunda pessoa do verbo, pelo vocativo e imperativo com o objetivo de persuadir o receptor. De acordo com Chalhub, a função conativa apresenta em sua mensagem traços de persuasão/argumentação que podem ser reforçados pela função estética. Segundo esta pesquisadora, as canções românticas populares também apresentam traços desta função da linguagem:

Há uma direção do emissor para o receptor — “você vai ver”, a “culpa é sua”, “você vai lembrar de mim”, numa espécie de chamada desse receptor a ser incluído, pelas vivências em conjunto e, agora, pelas lembranças, na mesma atmosfera expressiva. Aí temos a ocorrência de duas funções de linguagem: aquela centrada na emissão, função emotiva, e a função conativa, localizada nesse “você”. (CHALHUB, 2002, p. 17)

Fora do eixo emissor – receptor, a **função referencial** ou **denotativa** é centrada na terceira pessoa propriamente dita, no referente, no contexto, objeto ou situação da mensagem de forma clara, informações objetivas. Nesta função, a ênfase recai sobre o referente e é marcada em terceira pessoa do discurso.

A docente busca demonstrar através da utilização de um artifício didático os dois níveis de linguagem: denotativo (relação entre o termo e o objeto) conotativo (linguagem figurada). Conforme Chalhoub deve-se desconfiar da relação entre signo e realidade como algo sem intermediários. Na função referencial denotativa o emissor utiliza a linguagem objetiva e clara para fornecer informações, buscando uma aproximação mais direta entre o termo e o objeto. Na função conativa, a linguagem é figurada, ou seja, um signo empresta sua significação para dois campos, criando assim uma espécie de transferência de significado. A autora afirma que os noticiários de rádio e televisão tem a estrutura de sua mensagem organizada pela função referencial, mas que aparecem outros elementos mesclados como, por exemplo, a expressão facial do apresentador, a entonação da voz do locutor.

Segundo ela um bom exercício para perceber a função referencial argumentativa é a leitura de editoriais de jornais, pois os textos apresentam uma estrutura linear - introdução, desenvolvimento e conclusão – organizados de maneira impessoal. Porém, mesmo em textos impessoais, é possível aparecer à argumentação em que o emissor busca persuadir o receptor e percebe-se a aparição de três funções da linguagem assim marcadas, a função referencial, a conotativa e a emotiva.

Centrada no canal do esquema comunicativo, a **função fática** tem como objetivo prolongar a comunicação, estabelecer e manter o contato entre os sujeitos. São certos tiques, cacoetes utilizados como conectores entre as expressões, passam a ilusão de comunicação entre os interlocutores, os mantém em contato, testam a própria comunicação. Um dos exemplos apresentado pela professora são as conversas telefônicas monossilábicas que apenas confirma que o interlocutor ouve a mensagem.

A **função metalinguística** centra-se no próprio código, conforme Jakobson surge “sempre que o remetente e/ou o destinatário têm necessidade de verificar se estão usando o mesmo código” (2010, p. 162). A função metalinguística é a utilização da linguagem para falar dela mesma, sendo exemplos desta função tanto a gramática descritiva, ou seja, o uso de palavras para descrever palavras, como a poesia que fala de poesia. Portanto a função metalinguística se faz presente tanto no ato analítico como no ato criativo.

Após termos destacado os outros fatores chegamos à própria mensagem, para a qual está reservada a **função poética**. “O pendor para a mensagem como tal, o enfoque da mensagem por ela própria, eis a função poética da linguagem” (JAKOBSON, 2010, p. 163). Segundo o autor, a

função poética da linguagem – que não se confunde com a função emotiva – tem como centro de interesse o próprio texto, a própria mensagem. A função poética permite que a mensagem volte-se para seu processo de estruturação, mensagem, buscando meios de melhorar sua elaboração, porém sua finalidade não é prática, e sim estética.

Para tomar como foco a própria mensagem, a língua dispõe de recursos para manipular forma e conteúdo para proporcionar a reelaboração da mensagem: efeitos sonoros e rítmicos; uso de figuras de linguagem conferem maior expressividade ao texto e enriquecem a construção da mensagem, deslocada de sua estrutura convencional, marcada por outra função da linguagem.

Retomando os conceitos de relações sintagmáticas e associativas, que segundo Ferdinand de Saussure compõe o mecanismo da língua, Roman Jakobson propõe compreender estes mecanismos tais como ocorrem no ato comunicativo em termos de *seleção* e *combinação*. Para o linguista russo, esses são os dois elementos básicos do comportamento verbal e que se apresentam de modo destacado nas interações verbais, orientado por uma função poética.

O mecanismo de *seleção* corresponde às relações que se estabelecem entre as palavras semelhantes, equivalentes ou dessemelhantes que poderiam se fazer presentes no lugar de uma palavra em uso. Já a *combinação*, correspondente da relação sintagmática, refere-se ao processo de construção da sequência, no qual uma palavra é determinada por aquelas que a rodeiam.

Para Jakobson, as rimas e outros padrões rítmicos, características da função poética da linguagem, devem ser analisadas levando-se em conta que este recurso sonoro da linguagem é fruto de uma operação entre os mecanismos de *seleção* e *combinação*. As palavras em rima ou assonância podem pertencem à mesma classe gramatical, podem apresentar proximidade semântica ou até a mesma função sintática. Em seu estudo sobre a função poética, Jakobson afirma, por meio da análise de vários exemplos, é possível observar que a mensagem poética produz uma ligação entre o aspecto sonoro, do significante, e o semântico, do significado, criando uma aproximação entre som e sentido que não estava prevista na fala cotidiana dominada por outras funções da linguagem.

A função poética da linguagem é centrada na própria mensagem. Samira Chalhub, pesquisadora que desdobra as reflexões de Roman Jakobson, afirma que a função poética, em seu fator predominante, está centrada na própria mensagem, no seu modo de mostrar-se. A função poética – que pode se fazer presente em diferentes textos - se mostra quando a realidade concreta da palavra é colocada em questionamento. Segundo a autora, a função poética sempre traz

consigo a pergunta: “E qual é a realidade sensível e concreta da palavra?” (CHALHUB, 2010, p. 32).

Para dar prosseguimento às suas ideias, a autora traz a análise de alguns poemas, como por exemplo, *a leaf falls loneliness* de E. E. Cummings. Nestas análises, podemos observar que o modo como são construídas as mensagens – operadas por mecanismos de seleção e combinação – criam novas associações entre som, sentido e disposição gráfica, mexendo com a sensibilidade do leitor. A utilização de arranjos básicos como selecionar e combinar é comum no comportamento verbal. Na poesia, o poeta escolhe os elementos, encadeamento, combinatória para construir sua mensagem. A escritora, ao analisar o poema *a leaf falls loneliness* de E. E. Cummings torna possível observar como o tema flagrante de solidão, evidenciado pela escolha do poeta em utilizar e combinar os elementos de forma condensada causa uma quebra de expectativa nos significados e gera um espanto ao leitor. Para Chalhub (2010, p. 38)

O admirável *espanto* provocado pelo bem-dizer a natureza poética é o que os formalistas russos chamaram de *ostrânie*, “estranhamento”: um tempo de olhar para o poema, percorrendo-lhe as significações plurais e (im)possíveis, o tempo perceptivo da leitura do receptor. (CHALHUB, 2010, p.38)

De acordo com Chalhub a função poética se constrói de forma nova para sensibilizar o leitor, seu objetivo é causar estranhamento. O emprego de mecanismos linguísticos para gerar tais efeitos é a essência da função poética, que pode ser encontrada na poesia já estabelecida por grandes autores, mas também pode ser encontrada na fala cotidiana, como bem apresentaram os autores da psicanálise, Freud e Lacan, que compreendem que o inconsciente, por ser estruturado em linguagem, pode ser expresso com a função poética no chiste, no lapso e no sonho.

A função poética, tal como observada em minha pesquisa de campo, apresenta diferentes manifestações, como “poesia estruturada” no caso das canções, mas também nas interações cotidianas, nas quais os usuários fazem uso destes recursos poéticos e causam efeito de *estranhamento*.

A título de ilustração, apresento aqui um exemplo de interação verbal coletado nas oficinas terapêuticas com o intuito de demonstrar o uso da função poética. Em uma conversa, extraída das anotações produzidas em 22 de março, no diário de campo, de uma usuária com o arte-terapeuta se percebe a manifestação deste recurso poético.

- *Posso sair?*

O professor disse:

- *Sim, podes.*

Ela disse:

- *Mas está muito calor.*

Ele respondeu:

- *Então tira o casaco.*

Ela estava com um casaco grosso de inverno naquele calor, a maioria estava de camiseta.

Ela disse:

- *Vou tirar.*

Depois olhou para ele e disse:

- *O senhor é muito bonzinho.*

Ele a segurou pelos ombros olhou para ela e disse:

- *Eu sou bonzinho? Então me passa 50 reais.*

Ela riu muito e disse:

- *O senhor é espertinho.*

Os dois riram muito.

Segundo Roman Jakobson, em uma mesma mensagem, várias funções podem aparecer, porém será dada ênfase a uma, fazendo com que um fator prevaleça e determine a função da linguagem. O linguista propõe que durante o ato comunicativo, um aspecto dominante, a função predominante, vai determinar a estrutura verbal da mensagem. Jakobson afirma que:

Embora distingamos seis aspectos básicos da linguagem, dificilmente lograríamos contudo, encontrar mensagens verbais que preenchessem uma única função. A diversidade reside não no monopólio de alguma dessas diversas funções, mas numa diferente ordem hierárquica de funções. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante (JAKOBSON, 2010, p. 157).

Quando analisamos a conversa entre usuária e arte-terapeuta, observamos que o riso compartilhado – efeito de estranhamento que foi gerado pela conversa – deve-se não a uma função denotativa da linguagem, nem mesmo à força apelativa do pedido, mas sim ao fato de que foi realizado um movimento de seleção e combinação de elementos linguísticos semelhantes, dois sufixos *-inho*. Esses dois sufixos colocados em sequência criam uma mensagem que volta para si mesma, o que caracteriza a função poética.

Conforme Chalhub, na função poética alguns mecanismos como similaridade do som, a seleção lexical, construção sintática, fundamentação retórica do poema são essenciais na essência da poesia. Se, segundo Chalhub, o poeta em sua construção poética seleciona e busca encadear os elementos que vai utilizar para *desenhar* sua poesia, estruturar a poeticidade de sua mensagem podemos afirmar que estes mesmos mecanismos são colocados em ação pelos usuários em diversos momentos de suas práticas simbólicas que ocorrem no espaço das oficinas terapêuticas.

Passemos agora às análises de um poema produzido pelo poeta preguiçoso, a letra de uma música construída coletivamente pelos usuários e arte-terapeuta, e duas interações produzidas pelos usuários com o meu pesquisador e com o arte-terapeuta, onde os recursos poéticos se fazem presentes.

4.2 A FUNÇÃO POÉTICA NAS OFICINAS TERAPÊUTICAS DO CAPS- JAGUARÃO

Ao realizar a vivência de campo e gerar os dados a respeito das interações verbais que ocorriam dentro do CAPS – Sítio Renascer se percebe desde o início que o uso poético da linguagem se faz presente em várias ocasiões: seja nas interações verbais, nas oficinas de pintura e cerâmica, nas escritas do Poeta Preguiçoso e nas letras de músicas produzidas e cantadas pelos usuários.

Estes sujeitos com diferentes transtornos mentais, alguns analfabetos, ditos com “neurônios queimados” são capazes de produzir belas escritas, expressar-se através de sua arte. Em suas escritas, feita tanto individual como coletivamente, percebe-se o uso poético da linguagem, que se manifesta na capacidade de criar, inventar, colorir, transgredir visões convencionais, bem como mover a estrutura da linguagem através da exploração de efeitos sonoros e rítmicos e de mudanças semânticas.

Estes usos da linguagem fazem parte do dia a dia destes sujeitos, que apesar de diagnosticados com diferentes transtornos mentais, apresentam uma capacidade comunicativa que transcende o convencional, assim como a função poética da linguagem permite transcender a própria estrutura da mensagem e faz com que seja possível brincar com as palavras e seus significados.

Com base na leitura de Roman Jakobson e de Samira Chalhub, busca-se de investigar o uso da linguagem dentro das oficinas terapêuticas, papel de um estudante de Letras. Os dados

foram analisados à luz da função poética da linguagem embasado nos estudos do linguista russo Roman Jakobson e da professora.

Após a leitura dos diários de campo selecionou-se quatro dados para serem analisados: uma interação verbal entre uma usuária e o arte-terapeuta, uma interação verbal entre um usuário e meu orientador de TCC, um poema produzido pelo Poeta Preguiçoso e a letra de uma das músicas produzidas pelos usuários e pelo arte-terapeuta que é cantada pelo grupo Asas da Liberdade.

4.2.1. Interação verbal entre uma usuária e arte-terapeuta

Este recorte foi retirado do diário de campo do dia 22/03/2018. O diálogo é de uma usuária com o arte-terapeuta em uma oficina de pintura.

Uma paciente se aproximou do terapeuta e perguntou:

- Posso sair?

O professor disse:

- Sim, podes.

Ela disse:

- Mas está muito calor.

Ele respondeu:

- Então tira o casaco.

Ela estava com um casaco grosso de inverno naquele calor, a maioria estava de camiseta.

Ela disse:

- Vou tirar.

Depois olhou para ele e disse:

- O senhor é muito bonzinho.

Ele a segurou pelos ombros olhou para ela e disse:

- Eu sou bonzinho? Então me passa 50 reais.

Ela riu muito e disse:

- O senhor é espertinho.

Os dois riram muito.

Nesta interação verbal presenciemos o uso de uma figura de linguagem, a ironia, característica da função poética da linguagem, e também o uso do *sufixo-inho* utilizado para fazer rima e percebe-se novamente o uso poético da linguagem, uma interação poética.

O uso do sufixo flexional *-inho* nos adjetivos *bonzinho* e *espertinho* não pode ser relacionado apenas com a questão da variação de tamanho, pois ao se analisar a questão semântica percebe-se as intenções que estão implícitas nos enunciados, ou seja, seu uso tem função tanto de ironizar como se relaciona à questão da afetividade. Pode-se perceber que esta mensagem não é emotiva; não é conativa; não é referencial não tem como função apontar objetos, volta-se para a própria mensagem, em que o uso das palavras encontra-se marcado pela utilização de figuras de linguagem e pelo seu sentido figurado, onde as palavras apresentam um novo significado.

4.2.2. Interação verbal entre um usuário e pesquisador

Apresento aqui uma interação verbal retirada do diário de campo do dia 19/04/2018 em uma oficina de pintura. O diálogo foi entre um usuário e meu Orientador de TCC.

Um paciente que costuma desenhar o presídio (nas oficinas de pintura em que estive presente, em todas ele desenhou o presídio) terminou seu desenho, se aproximou do meu orientador de TCC e perguntou:

- *O senhor quer?*

Meu orientador riu e perguntou:

- [...] *entrar?*

Alguns pacientes acharam graça e riram. [...]

Nesta interação percebe-se o deslocamento de significado. Se estivessem em uma interação voltada para o contexto, tal como ocorre quando a função denotativa é preponderante, a pergunta “o senhor quer?” poderia se referir à oferta de um objeto. Porém, neste caso a função poética da linguagem retira o valor referencial da fala do usuário, e suas palavras recaem sobre outro objeto simbólico: o desenho que acabava de ser produzido (Figura 10).

O usuário seleciona uma pergunta “o senhor quer?” e combina esta frase com um complemento não verbal – o desenho. Seleção e combinação são elementos básicos da

comunicação verbal e característica marcante da função poética em que o poeta escolhe os elementos que serão encadeados para produzir sua combinatória.

Através desta seleção e combinação, de uma pergunta com o objeto simbólico, feita pelo usuário temos um flagrante do uso poético da linguagem, pois a quebra de expectativa se revela no deslocamento de significado. Nesse arranjo em que o usuário seleciona e combina os elementos se percebe uma quebra de expectativa do significado, seu deslocamento; e a mensagem é elaborada de tal maneira, que foge de sua estrutura convencional, forma e conteúdo ganham novos arranjos, e essas marcas da função poética da linguagem se encontram presentes nesta interação verbal.

4.2.3. Poema do Poeta Preguiçoso

A próxima análise se trata de um poema do Poeta Preguiçoso, que foi retirado do diário de campo do dia 19/04/2018 em uma oficina de pintura. As seguintes palavras foram por ele selecionadas para efetuar sua escrita: “Amor, Dor, Flor, Ator, Cantor, Anador, Condor, Aspirador, Rádio Amador, Extrator, Trator, Motor e Reator”.

Poema do Poeta Preguiçoso

Cantar, mas só não me chama o Xavier

Poeta Preguiçoso

Quando o nosso condor

Me der uma flor

Eu quero ser um cantor

Como um rádio amador

Eu não sou esquilador

Mas posso chamar o doutor

Porque eu não sou ator

Para tomar anador

Mas se eu não tiver um trator

Eu vou trocar o óleo do motor

Mas que jeito?
 Eu tô é com dor no (peito) radiador

Ás vezes eu sinto fome
 Por causa do meu nome
 E do sobrenome,
 Porque eu sou (Argentino)
 Lobisome

No poema do poeta preguiçoso percebe-se o uso da função poética da linguagem na seleção e combinação de palavras pertencentes à mesma classe gramatical, os substantivos: *Condor, flor, cantor, rádio amador, esquilador, doutor, ator, anador, trator, motor, radiador, fome, nome, sobrenome, lobisome (lobisomem)*. Na reiteração do verbo *ser*, presente nas quatro estrofes, no *estranhamento* que causa no leitor o uso de algumas palavras utilizadas no seu sentido figurado, na própria estrutura da mensagem, características da função poética da linguagem.

Aqui temos outra forma de selecionar e combinar elementos, pois o poeta preguiçoso buscou combinar palavras que fizessem rima com a primeira palavra selecionada, *amor*. Nessa seleção percebe-se que o poeta buscou palavras semelhantes para que pudesse ter rima na construção da sequência, pois todas as palavras terminam em “*or*”.

A base constitutiva da poesia do poeta preguiçoso, a construção da sequência das sílabas é equivalente a todas as outras, um dos recursos que constituem esta sequência se baseia em sua igualdade, que pode ser de uma sílaba, uma vogal ou de uma consoante e se convertem em unidades de medida, recurso que só encontra aplicação na função poética.

O Poeta Preguiçoso em sua construção poética seleciona e busca encadear os elementos que vai utilizar para *desenhar* sua poesia, estruturar a poeticidade de sua mensagem.

4.2.4. Letra da música *Bem Querer*, de autoria coletiva

A próxima análise é da letra da música *Bem Querer* construída coletivamente pelo grupo vocal Asas da Liberdade (usuários do CAPS- Jaguarão) e o arte-terapeuta.

Letra da música *Bem Querer*, de autoria coletiva

BEM QUERER

GV Asas da Liberdade

Gilberto Isquierdo

UM BOM LUGAR PRA VIVER

UM BOM LUGAR PRA SE TER

SÍTIO RENASCER

É BOM TE TER

COMO UM SONHO

UMA LUZ

UM BEM QUERER

UM BOM LUGAR PRA ESTAR

UM BOM LUGAR PRA SE AMAR

SÍTIO RENASCER

É BOM TE TER

É ESPERANÇA

UM POR-DO-SOL

UM NOVO AMANHECER

EU NUNCA VOU TE ESQUECER

SÍTIO RENASCER

A construção da letra da música *Bem Querer* foi um processo coletivo e longo, em que o tema foi o CAPS-Jaguarão. Foram sublinhadas as palavras chaves, significativas e repetidas e acrescentados verbos e adjetivos para sua criação.

A letra da música *Bem Querer* apresenta a estrutura de um poema, percebe-se que às palavras selecionadas foram acrescentados verbos da primeira e segunda conjugação para fazer a combinação. A construção da sequência é feita por meio da terminação destes verbos, as sílabas se convertem em unidades de medida da sequência do fluxo verbal com o tempo musical. Nos versos da letra da música *Bem Querer*, os verbos trazem marcados em sua repetição, a similaridade de som (figura sonora, rima), vistos como elementos constitutivos dos versos. Os verbos se assemelham, pois são colocados na posição final da letra da música e apresentam as mesmas terminações em suas estrofes, a mesma forma nominal, o infinitivo. Todas estas marcas são características da função poética da linguagem.

Segundo Chalhoub, na função poética alguns mecanismos como similaridade do som, a seleção lexical, construção sintática, fundamentação retórica do poema são essenciais na essência da poesia.

A partir destas análises pode-se perceber que tanto nas interações verbais como no poema e na música temos elementos característicos da função poética da linguagem o que comprova sua utilização nestas oficinas terapêuticas, seja de forma involuntária, no caso das interações verbais como voluntária, nas escritas do poeta preguiçoso e na construção das letras de música, através da seleção e combinação de palavras, rima, sentido figurado da linguagem, similaridade de som, estranhamento, entre outras marcas características da função poética da linguagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo investigar o uso da linguagem verbal nas oficinas terapêuticas do Sítio Renascer- CAPS/Jaguarão. Para realizar esta pesquisa, optamos por realizar uma vivência de campo cujas visitas ocorreram no período de janeiro a maio de 2018. Após um período de 16 semanas, conseguimos organizar um conjunto de dados a respeito das práticas de linguagem que se estabelecem entre os sujeitos que frequentam o espaço de convivência do Sítio Renascer- CAPS/Jaguarão.

Antes de entrar em campo, o primeiro passo desse trabalho foi compreender a história que há por trás do surgimento do CAPS. Para tanto foi necessário que se conhecesse a Lei da Reforma Psiquiátrica de 2001, que estabeleceu os direitos dos portadores de transtornos mentais e foi responsável pelo surgimento dos CAPS.

Num segundo momento buscou-se esclarecer o que são, para que servem e qual a importância das oficinas terapêuticas, para isso tornou-se necessário apresentar o trabalho de dois psiquiatras, Oscar César e Nise da Silveira, pois no trabalho desses dois psiquiatras percebe-se a importância das oficinas terapêuticas, esses espaços sociais que são voltados para o trabalho com a linguagem no tratamento desses pacientes, que buscam a inclusão desses sujeitos através de atividades grupais de socialização e procuram promover a reinserção e interação social desses usuários do sistema de saúde.

O movimento seguinte foi situar o CAPS - Sítio Renascer na história local. Seu surgimento no município, em 1995, sua trajetória de prédios alugados até a aquisição de um prédio próprio, seu funcionamento, as atividades desenvolvidas, o número de pacientes atendidos, os profissionais que compõem o quadro de funcionários.

Após esta compreensão do espaço comunitário que é o CAPS de Jaguarão, foi possível realizar a escrita de um diário de campo. Entre os dias vinte e seis de janeiro a dezoito de maio do presente ano, frequentei o espaço com o intuito de gerar dados. Além da escrita do diário de campo, foi realizada uma entrevista com o arte-terapeuta e um registro fotográfico dos produtos poéticos.

Durante a experiência de campo e as primeiras leituras dos dados gerados, chamou-nos atenção a riqueza de elementos característicos do uso poético da linguagem. Devido a isso, recorreremos ao referencial teórico proposto pelo linguista Roman Jakobson em seu estudo sobre a

função poética da linguagem e pela professora Samira Chalhub cujo estudo coaduna com o do linguista russo.

Com base nesta abordagem optamos por focar nossa análise num exame da função poética da linguagem. Para realizarmos este exame, selecionamos um pequeno corpus de análise composto de em uma interação verbal entre uma paciente e o arte-terapeuta; uma interação verbal entre um usuário e meu orientador de TCC; um poema do Poeta Preguiçoso, usuário do sistema de saúde e uma letra de música, produzida coletivamente pelos usuários e o arte-terapeuta, nessas oficinas.

Essa análise refere-se a uma pequena parte da coleta de dados e certamente poderiam ser analisadas outras interações, poemas, letras de música, pinturas, esculturas da coleção de dados gerados, mas devido à restrição de tempo efetuou-se um recorte nos materiais, mas esse é o primeiro passo desse trabalho que pode ser aprofundado e ampliado.

Em busca de analisar as práticas de linguagem que se fazem presentes no cotidiano desses sujeitos é necessário que se responda a seguinte questão: *Para que servem as palavras?*

Para responder a esta questão deve-se levar em conta que somente nós, os seres humanos possuímos esta competência, sem a palavra não seria possível que expressássemos nossas ideias, pensamentos, pois somente devido ao uso das palavras somos capazes de criar realidades, interagir, nomear objetos, seres, enfim dialogar uns com os outros. A linguagem deve ser compreendida em toda sua riqueza, sua função comunicativa, pois é por meio da linguagem que expressamos nossos sentimentos, compartilhamos nossas experiências, interagimos com os outros e organizamos nossas ideias e pensamentos. A noção de função poética permite afirmar que a linguagem do louco não é pura alienação, pois a linguagem muitas vezes desestruturada desses pacientes que são considerados loucos, que não sabem o que falam que produzem uma linguagem alienada pode ser entendida como função poética, pois apresentam características semelhantes.

Para concluir, é preciso retomar a pergunta feita pelo orientador no início desta investigação: o que faz, ou melhor, o que pode fazer um estudante de Letras no CAPS?

Esta questão se relaciona com a investigação proposta nesse trabalho, o uso da linguagem por estes sujeitos em sofrimento psíquico, pode-se perceber que a utilização da linguagem é uma forma de comunicação, de expressão de sentimentos e pensamentos, pois utilizam diversas formas de linguagem em busca de se inserir, interagir com o mundo ao seu redor.

A linguística – através de uma compreensão abrangente da atividade de linguagem – através de uma compreensão da função poética → permite afirmar que a linguagem do louco não é pura alienação.

Além de tais considerações, quando retomamos a pergunta “o que faz um estudante de Letras no CAPS?”, chegamos à outra resposta possível, extremamente pertinente: um estudante de Letras, quando vai ao CAPS, aprende.

Aprende-se a ouvir, ver as diferentes formas de linguagem que aparecem no dia a dia dessas oficinas. A riqueza de usos que estes sujeitos fazem da linguagem, sua forma de comunicar-se com os demais e com o mundo, a utilização de diferentes linguagens nos mostra sua percepção do mundo, a expressão de seus sentimentos, a linguagem que os aproxima e inclui, o uso poético da linguagem que se dá tanto de maneira voluntária como involuntária.

Portanto, este trabalho nos leva a pensar que há uma infinidade de oportunidades para os estudantes de Letras dentro desse espaço tão rico de aprendizagens, assim sendo, esperamos que essa pequena investigação resulte proveitosa para futuros trabalhos na área. Fica em aberto a sugestão de atuar neste espaço social que só tem a acrescentar a qualquer profissional.

Para finalizar, registro aqui algumas imagens que fazem parte da exposição *METAMORFOSE- A Arte que Transforma*, uma parceria entre o grupo de educação tutorial-Produção e Política Cultural da UNIPAMPA, sob orientação da professora/doutora do curso e tutora do PET-PPC, Carla Rabelo e do Centro de Atenção Psicossocial- CAPS/Jaguarão, na Galeria Intercultural Magliani-GIM, UNIPAMPA, campus Jaguarão. Eis um tipo de atividade – parceria – que produz aprendizagem e pode servir de exemplo para que outras atividades semelhantes ocorram em prol de todos os que são privilegiados por momentos tão ricos e construtivos.

Figura 15- Cartaz da exposição do CAPS na UNIPAMPA



Fonte: Acervo pessoal da autora

Figura 16- Pinturas dos usuários na exposição na GIM-UNIPAMPA



Fonte: Acervo pessoal da autora

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Saúde. **Saúde Mental no SUS: os centros de atenção psicossocial**. Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. 11. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ERVEDOSA, Andrezza Carvalho; MATOS, Maria Luzia. De poeta e louco todo mundo tem um pouco - oficina de poesia. **Rev. NUFEN**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 96-117, nov. 2009. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912009000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 jan. 2018.

GALETTI, Maria Cecília. *Oficinas em saúde mental: instrumento terapêutico ou intercessor clínico?* São Paulo: PUC-SP, 2001. Dissertação de mestrado. Apud ARAÚJO LIMA, Elizabeth A. *Oficinas, laboratórios, ateliês, grupos de atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação*. IN COSTA, Clarice Moura e FIGUEIREDO, Ana Cristina. *Oficinas terapêuticas em saúde mental - sujeito, produção e cidadania*. Coleções IPUB. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2004, pp. 59 - 81.

JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. 22.ed. Tradução de Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 2010.

KHADER, Fharide Cardoso; ISQUIERDO, Gilberto. Rio. Intérprete: Grupo Vocal Asas da Liberdade e Gilberto Isquierdo. In: **Do sonho à Realidade – 15 anos**. Jaguarão: DISC PRESS Comércio Fonográfico Ltda, 2015. 1 disco compacto. Faixa 8.

LIBERDADE, Asas; ISQUIERDO, Gilberto. Bem Querere. Intérprete: Grupo Vocal Asas da Liberdade e Gilberto Isquierdo. In: **Do sonho à Realidade – 15 anos**. Jaguarão: DISC PRESS Comércio Fonográfico Ltda, 2015. 1 disco compacto. Faixa 3.

LIBERDADE, Asas; ISQUIERDO, Gilberto. No Horizonte. Intérprete: Grupo Vocal Asas da Liberdade e Gilberto Isquierdo. In: **Do sonho à Realidade – 15 anos**. Jaguarão: DISC PRESS Comércio Fonográfico Ltda, 2015. 1 disco compacto. Faixa 10.

LIMA, Elizabeth A. *Oficinas, laboratórios, ateliês, grupos de atividades: dispositivos para uma clínica atravessada pela criação*. Disponível em: <www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/beth/oficinas.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2018.

MATTOS, CLG. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. In MATTOS, CLG., and CASTRO, PA., orgs. *Etnografia e educação: conceitos e usos* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. pp. 49-83. ISBN 978-85-7879-190-2.